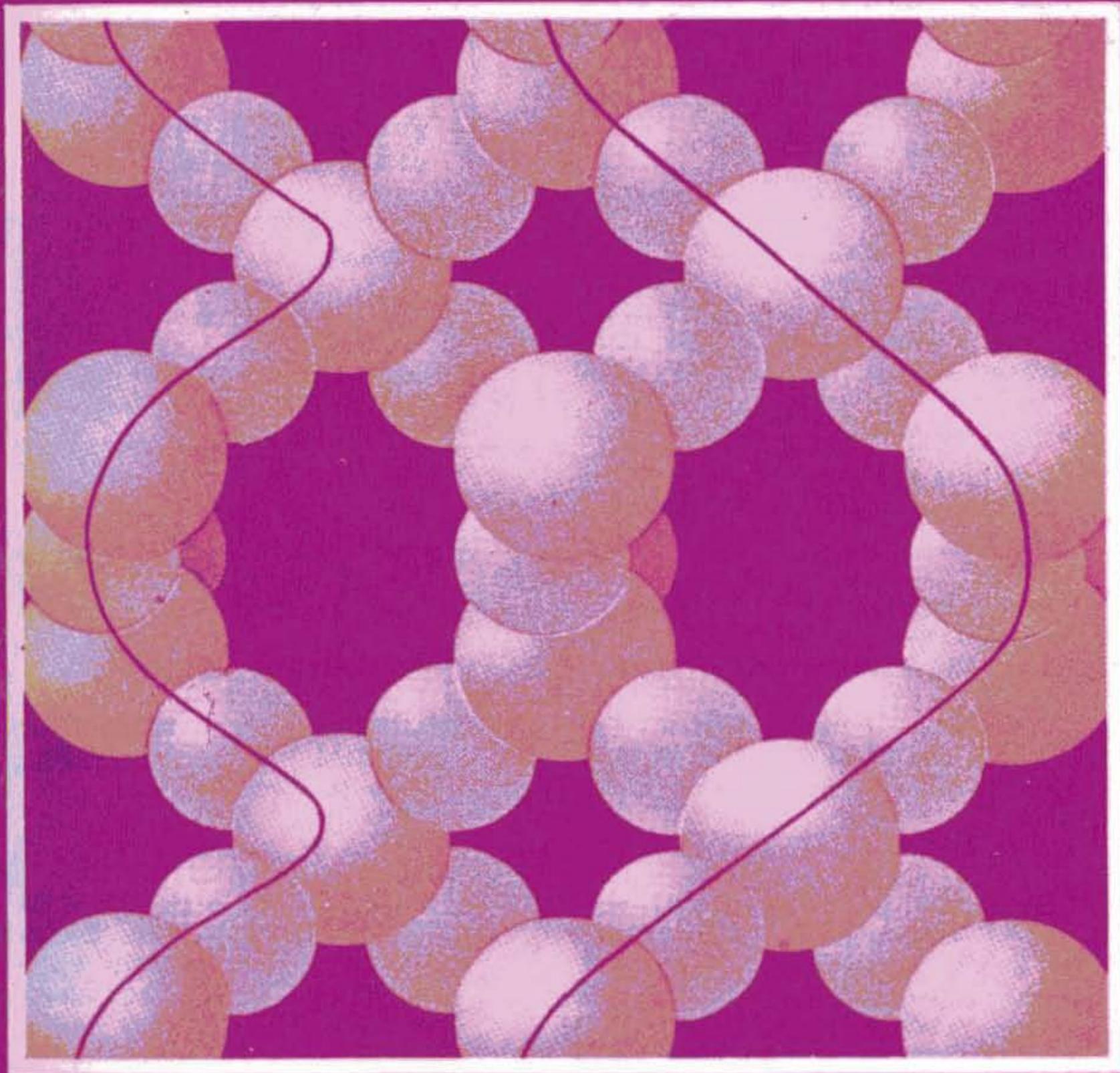


convergência

MAR - 1976 - ANO IX - Nº 91



- **A SIMBÓLICA DO HOMEM E DO CRISTO NA EUCARISTIA**, Frei Fernando A. Figueiredo, OFM
Página 71
- **DISCERNIMENTO ESPIRITUAL PESSOAL E COMUNITÁRIO**, Pe. Luiz González, SJ
Página 80
- **A EDUCAÇÃO DA FÉ E SUAS MANIFESTAÇÕES NA ESCOLA CATÓLICA**, Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU
Página 100

CONVERGÊNCIA
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara, OFM

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20.000 RIO DE JANEIRO
— RJ

Assinaturas para 1976:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea) Cr\$ 110,00
Exterior: marítima US\$ 17,00
aérea US\$ 25,00
Número avulso Cr\$ 11,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25
20.000 Rio de Janeiro — RJ

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100/ 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

Close num processo de desintegração molecular. A força que une os átomos responde pela estrutura e pela organização do mundo das coisas. A coesão e a rigidez dos corpos sólidos são asseguradas pelas forças interatômicas. Se o átomo for radiativo tende a desintegrar-se para, ao longo de seu percurso, radiativar outros átomos em cadeia. Energia e movimento. **CONVERGÊNCIA** quer ser um átomo radiativo. Um convite para sobreviver melhor saindo do imobilismo. Um estímulo para a partida.



SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| EDITORIAL | 65 |
| • | |
| AS IRMÃZINHAS DE JESUS, UM TRAÇO DE SEU CARISMA; Irmã Teresinha | 67 |
| • | |
| A SIMBÓLICA DO HOMEM E DO CRISTO NA EUCARISTIA, Frei Fernando A. Figueiredo, OFM | 71 |
| • | |
| DISCERNIMENTO ESPIRITUAL PESSOAL E COMUNITÁRIO, Pe. Luiz González, SJ | 80 |
| • | |
| A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS (HOMENS) NOS ESTADOS UNIDOS, trabalho apresentado na II Reunião Interamericana de Religiosos | 90 |
| • | |
| EDUCAÇÃO DA FÉ E SUAS MANIFESTAÇÕES NAS ESCOLAS CATÓLICAS, Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU | 100 |
| • | |
| CAROS IRMÃOZINHOS, Carta do Irmão René aos Irmãozinhos de Jesus | 111 |
| • | |

EDITORIAL

No desejo sincero de servir cada vez melhor à Igreja, os religiosos se surpreendem muitas vezes perplexos entre pólos de tensão. Não são fatos novos. Mas adquirem em cada tempo perspectivas diversas e não raro contrastantes. Assim a polaridade contemplação-ação, carisma-instituição, pastoral de conjunto-vocação religiosa, igreja local-disponibilidade para todas as igrejas . . .

A tendência, por vezes, é para as soluções simplistas e, por isso mesmo, radicais e niveladoras. A tentativa de colocar todos dentro de um modelo único, de uma forma padrão, que permita a satisfação estética dos planejamentos teóricos e a pseudo sensação de eficácia tem tanto de efêmera quanto de empobrecedora.

O Espírito não se deixa nunca aprisionar. E Ele nos surpreende sempre com sua infinita riqueza, original e fecunda, cada vez que julgamos tê-lo constrangido aos estreitos limites de nossa medíocre eficiência.

Nada mais sugestivo a este respeito do que a leitura de dois textos inestimáveis que **CONVERGÊNCIA** lhes traz neste número. Uma breve **entrevista com as Irmãzinhas de Jesus** (Charles de Foucauld). Uma **carta do Ir. René**, Superior Geral dos Irmãozinhos de Jesus. Os dois textos não dependem um do outro e foram escritos em épocas diferentes. Ambos traduzem, porém, numa comovente simplicidade de expressão e despreensão, a profunda sensibilidade ao toque do Espírito e a superação, na fidelidade e no amor, de uma visão tensionada e dicotômica da vocação e da missão. Mais que para ler, são textos para rezar. Não foram escritos para serem publicados. Não foram pensados para ir mais além das fronteiras das Fraternidades. Mas **CONVERGÊNCIA** foi buscá-los para Vocês. Como não trazer para a saúde de todos a transfusão deste "sangue universal" dos nossos Irmãozinhos? São diversos os carismas e as vocações. Mas um só é o corpo e um só o Espírito. As riquezas de uns são patrimônio de todos, no Senhor.

O **discernimento espiritual** tão de sempre na história da Igreja, mas que estamos tirando agora como algo novo do tesouro antigo, é uma das marcas do Espírito neste momento da vida da Igreja e da vida religiosa, em particular. O risco é que ele se torne uma palavra a mais no nosso vocabulário de iniciados. Uma espécie de gazua fácil que nos faz passar pelas portas dos problemas que devemos mas não queremos resolver. A quantas manchetes teológicas nos habituamos recentemente, expressões quase mágicas, velozmente impressas nas rotativas de nossas consciências, mas logo e sem maiores conseqüências dissolvidas e gastas pela banaliza-

ção do seu uso. Desde que o VERBO se fez HOMEM, o fundamental é traduzir a palavra em vida. **Padre Luís González** nos dá aqui um impulso válido para tentá-lo com seu artigo "**Discernimento espiritual e comunitário**".

E é, por certo, a um discernimento que nos convida neste início de ano letivo a contribuição da **Ir. Jeanne Marie Tierny**: "**Educação da fé e suas manifestações nas Escolas Católicas**." Não é estudo de escrivadinha. É síntese questionadora e de muita inspiração de um trabalho de campo sobre o desafio da educação da fé nos nossos jovens. Pesquisa ampla e diuturna investigação; análise, interpretação, reflexão. A CRB, com a assessoria da AEC e o apoio da CNBB, coordenou o trabalho. **CONVERGÊNCIA** lhes oferece o melhor do resultado, sobretudo a Vocês, leitores que educam por missão. Isto vai colocá-los diante de perguntas e opções. Elas não se situam apenas na linha técnico-pedagógica do método. No fundo, elas nos questionam no mais íntimo de nós mesmos, quanto à capacidade de educar na fé através do nosso próprio ser, que se traduz em ação apostólica de religioso educador.

É neste plano de questionamento ao nível da vida que julgamos interessante veicular aqui a **análise e avaliação sobre a vida dos religiosos** que a Conferência dos Superiores Maiores Religiosos (Homens), dos Estados Unidos, apresentou à II Reunião Interamericana de Religiosos em Bogotá. Nós nos encontraremos em muitos pontos deste retrato falado de nossos irmãos americanos. O que certamente salta aos olhos, após anos e zonas de turbulência, é a redescoberta de imperecíveis valores, na exigência, porém, de uma expressão convincente, compreensível e exequível para os nossos dias. Impressiona também no depoimento a ampla margem de colaboração atribuída ao contato com religiosos e teólogos de outros países e culturas, para uma percepção crítica da própria realidade. A riqueza universal da fé só se constrói através da intensa comunicação de vida em suas manifestações pluralistas nas diversas Igrejas Locais. Nenhuma destas, porém, pode pretender singularmente exaurir nos seus limites o sem-limites do horizonte evangélico.

Fr. Fernando A. Figueiredo nos guia a uma compreensão mais profunda de um dos traços centrais deste Evangelho: "**A simbólica do Homem e do Cristo na Eucaristia**". Trabalho marcadamente teológico vai ajudar-nos a entrever um pouco melhor o inexaurível mistério deste pão e deste vinho, que são Corpo e Sangue do Senhor, feito Homem, mas a um tempo ponto de convergência dos homens em Deus.

Neste número de março, o segundo de 76, **CONVERGÊNCIA** lhes traz, sob aspectos variados, outros tantos **desafios à vida religiosa hoje**, filão central de nosso programa para este ano.

P. Marcello de Carvalho Azevedo S. J.
Presidente Nacional da CRB

AS IRMÃZINHAS DE JESUS UM TRAÇO DE SEU CARISMA

Irmãzinhas de Jesus

Por que Vocês moram em bairros populares, procuram sempre o interior abandonado (mesmo nas grandes cidades), se não assumem atividades pastorais?

Perguntas compreensíveis, mas que raramente ocorrem a nossos vizinhos... Para estes, nossa vida é simples. Como não achariam natural viver como eles vivem e fazer o que sempre fizeram?

E parece que a gente nunca tem uma resposta exata e pré-fabricada... O Irmão Carlos de Jesus falava de "gritar o Evangelho com a vida". Só. É no "espaço" de uma vida simples, comum, que Jesus se manifestará através da Fraternidade. E vida não se explica, não se demonstra, prova-se por si mesma.

Mas, como é preciso sempre "justificar nossa esperança", a resposta que brota espontaneamente do coração vem do próprio Jesus: "Um homem achou um tesouro enterrado num campo... vendeu tudo que tinha... e comprou este campo". No "campo" de uma vida pobre, comum, que milhões de homens levam, felizes ou não, há um tesouro enterrado, e Jesus não achou demais passar 30 anos em Nazaré desenterrando-o para nós! Este tesouro no qual queremos ter parte, como os filhos de Zebedeu no reino de Deus, é essa amizade vivida com Jesus, capaz de transformar em "festa" a rotina diária, infundindo um ânimo novo no ramerrão das ocupações e enchendo o coração de alegria. Nisso consiste a nossa vida contemplativa, que deve transbor-

dar numa procura constante de união entre nós, de compreensão, de atenção e respeito aos que nos rodeiam: atitudes que, com o tempo, acabam evoluindo para uma amizade verdadeira.

Mas para que serve essa amizade em termos promocionais?

É difícil dizer, mas não sei se Nossa Senhora teria respondido a pergunta semelhante ao deixar Nazaré... O que constatamos nos bairros onde moramos, nos lugares onde vivemos, é que não foi à toa que Jesus agradeceu ao Pai "por ter revelado seus segredos aos pequeninos" e notou que "as prostitutas e os publicanos chegarão primeiro ao reino dos céus".

Em Fortaleza, por exemplo, estamos numa fraternidade na periferia da cidade. A maioria de nossos amigos e vizinhos foi batizada, mas praticamente não é atingida pela vida paroquial. São poucos os que receberam uma noção exata do mistério da Santíssima Trindade e da Ressurreição. Como aos discípulos de Éfeso, São Paulo teria perguntado: "Mas em que batismo vocês foram batizados"? No entanto, há valores evangélicos que eles vivem profundamente: a mansidão, o sentido da partilha, a certeza de que Deus é Pai. Quantas vezes, em casa, na rua, visitando os vizinhos, ouvimos conversas como essa: "A gente pode perder tudo, mas não a esperança. Quem espera por Deus não cansa". "Venço porque sei que

Deus é um bom Pai". "Nada posuo, mas meu ganho serve aos outros; gosto de servir". Como não se reconheceria nessa alma de pobre que, como a viúva do templo, dá do que lhe faz falta, Aquele que disse: "Vim para servir e não para ser servido"?

Referência constante a Deus, mais patente ainda naqueles que vêm do sertão. "A gente escapa da seca (e todos têm experiência de várias) porque Deus é Pai", é refrão habitual. E não é frase vazia. A convicção com que se fala, a serenidade ao contar situações extremas porque se passou, a alegria que sobrevive a tudo, mostram que se trata de uma realidade profunda, de uma autêntica experiência de Deus feita nesse sofrimento. Eles "sabem" que Deus não abandona seu povo. "A gente pode faltar a Deus, Deus não nos falta nunca". Frases como essa, outras que vêm diretamente da Bíblia, de um sermão ouvido há anos, são repetidas frequentemente.

Se o povo é profundamente religioso, não será, na verdade, porque já se encontrou com seu Deus? Não é à toa que o Irmão Carlos dizia: "Os pobres são nossos mestres". Para nós, não é demais uma vida inteira para aprender a conhecer "o Deus dos pobres" com os "os pobres de Deus". Aquele que começou a se manifestar ao povo de Israel, que mandou seu Filho Jesus ao mundo para nos dar "o Espírito de filiação", continua a ser o Libertador ("Goel") daqueles que, numa situação extrema, recebem d'Ele a força para viver e resistir. Vemos isso diariamente.

O que a Fraternidade traria como enriquecimento a um povo marginalizado, mas confiante, se não tem outro propósito a não ser tornar-se "povo com o povo", ser um deles afinal?

Ultimamente temos sido levadas a refletir sobre isso, sobre o nosso lugarzinho na "pastoral de conjunto", sobre aquilo que Deus e a Igreja esperam das **Irmãzinhas de Jesus** no mundo inteiro e no nosso continente. O mesmo impulso de amor que levou o Irmão Carlos a procurar uma população muçulmana isolada, nos leva, num país já cristianizado, a procurar os que estão "fora do alcance" de uma ação pastoral estruturada, aqueles que, por diversas razões, terão mais dificuldade de aproximar-se da paróquia ou de outros organismos de Igreja. E há várias maneiras de se estar "fora do alcance": seja porque as circunstâncias próprias do isolamento no interior, do trabalho, da dureza da vida na cidade, afastam ou não permitem a participação em grupos de Igreja, seja porque, diante de sua própria pobreza, física ou moral, da falta de meios, as pessoas se retraem, pensam "que a Igreja não é para eles", sem terem meios de saber que são Igreja!

Graças a Deus, atualmente, há tantos padres, religiosos, leigos, que se voltam para situações semelhantes, suscitando comunidades de base, equipes de círculos bíblicos, despertando animadores rurais! Mas serão sempre privilegiados os lugares onde um trabalho desses poderá ser levado avante... e, mesmo nesses lugares, há todos os outros, que por uma razão ou outra "não en-

tram no jogo", não conseguem seguir o cortejo... A estes é preciso que alguém vá dizer que Deus os ama! que os amou tanto a ponto de mandar-lhes seu filho Jesus.

Palavras não convencem, mas a gente tem a ousadia de pensar que a graça de Deus pode servir-se da nossa própria amizade, oferecida gratuitamente no dia-a-dia, para levá-los a tomar consciência desse amor maior do que tudo!

Há uma exigência evangélica que procuramos viver e sem ela não seria possível, nem teria talvez sentido "apostar tudo" nessa simples presença de escuta e amizade: a "busca do último lugar" de que o Irmão Carlos falava muito. Irmãzinha Magdeleine, nossa fundadora, nos dá como modelo "Jesus Pequeno" que, fazendo-se homem, fez-se o menor de todos, Deus que, encarnando-se, não temeu aparecer no mundo como uma criancinha impotente.

Aqui no Nordeste, o povo tem em alto grau o sentido de que Deus é nosso Pai e na medida em que tentarmos radicalizar esse conceito (colocando todo nosso ser e nossa opção nessa procura), em que tentarmos ter essa alma de criança que se abandona a Deus e aborda os que encontra "como maiores do que ela mesma"; na medida em que acreditarmos cegamente na palavra de Jesus que nos diz "quem se fizer pequeno como essa criança será grande no reino de Deus", o povo se reconhecerá na Fraternidade, nela reencontrará os valores evangélicos que está habituado a viver e assim poderá abrir-se ao Evange-

lho inteiro, à graça de Deus ajudando a todos nós.

Se pensamos particularmente no povo do sertão, acostumado a ser oprimido, mas consciente de sua própria dignidade, o fato de reencontrar seu próprio valor, de ser amado por ele mesmo, tal como é, não seria já uma verdadeira evangelização? Deus é Amor e foi isso que ele mandou seu Filho ensinar ao mundo!

E nós cremos que tal maneira de amar os homens é realmente uma missão de Igreja. "A Igreja as reconhece e se alegra por sua existência e presença no mundo. Sejam

o que são. Digo-lhes: esta escolha é certa" (Paulo VI às Irmãs, 1973). Sim, todas nós sentimos profundamente que, pela vontade de Deus, a Fraternidade tem sua razão de ser, e não nos parece demais gastar vidas inteiras e condicionar uma família religiosa para que, numa inteira fraqueza, as Fraternidades possam chegar a "gritar com a vida" a esses nossos irmãos que Deus os ama, que eles são seus filhos preferidos, pois um dia, maravilhados, descobrirão "que o Poderoso fez neles grandes coisas", pois Ele sempre escolhe "o que é fraco e desprezível aos olhos do mundo" para manifestar a força de sua misericórdia.

A SIMBÓLICA DO HOMEM E DO CRISTO NA EUCARISTIA

Fr. Fernando A. Figueiredo, ofm

Falando de simbólica se quer evitar o sentido corrente e superficial que se dá ao termo "simbólico", aplicado para designar algo que não tem um correspondente na realidade. Com efeito, ele serve para indicar um gesto que não compromete. Dizemos: um abraço simbólico, para significar um gesto que permanece "simbólico". Não é nesse sentido que nos referimos à simbólica.

No século XIX, Moehler compôs um livro que tem por título: "A simbólica ou exposição das dificuldades dogmáticas entre católicos e protestantes segundo suas profissões de fé". O conceito de "simbólica" tem junto a ele uma conotação de relação, de esforço para encontrar uma espécie de **convergência** em alguns pontos. Sem dúvida, o termo simbólico, empregado por ele, é inspirado no símbolo da fé. A simbólica designa o esforço empreendido por ele para encontrar uma convergência no conjunto das ver-

dades de fé dos católicos e protestantes.

A idéia de símbolo como relação e convergência é muito antiga. Na antiguidade, o termo símbolo era utilizado como sinal de reconhecimento de um objeto cindido e que era religado de novo. Neste sentido a antiga liturgia do batismo nos tem muito a dizer. Encontramos no batismo de adultos uma cerimônia chamada **redditio symboli**, cuja significação é muito próxima do que vimos acima. O catecúmeno, instruído e já avançado em sua formação pré-batismal entregava, restituía à comunidade cristã, na qual ele está prestes a se integrar, o formulário da fé anteriormente recebido por ele. Ele o recitava de cor e publicamente. Demonstrava assim sua comunhão de fé com a comunidade. O formulário da fé representava a aliança: tendo sido **dado** era fielmente **restituído**, exprimindo e selando um verdadeiro acordo: era um **sim-bolo**, algo no qual se estabelece uma comunhão entre os

homens, no qual todos se encontram unidos. Melhor. O credo constitui a fonte donde emana esta unidade e comunhão entre os membros. Ele não é meramente compreendido como elenco de verdades, mas um modo peculiar de por-se na vida. Este modo de por-se na vida não se confunde com um determinado comportamento, mas é esta atitude impregnando todos os comportamentos do homem e suas diversas situações.

A simbólica nos conduz ao conceito de relação, convergência. E mais, como acentuávamos, ela é inseparável da fé e da união que ela estabelece entre os que a professam. A simbólica nos lança neste mundo do encontro. Encontro este realizado pela fé que reúne não só os crentes entre si, mas os fiéis com o próprio Deus. A simbólica traduz esta maravilhosa ordem de comunicações instaurada pela fé entre os homens e o Deus de Jesus Cristo. Ela atinge o homem não do exterior, brota do seu interior, uma vez que ela compreende a profunda estrutura pela qual o homem se torna acessível a si mesmo.

Sim-bolizar é pois não só encontrar entre as coisas uma correspondência estabelecida a partir de um sentido que lhes conferimos em uma determinada circunstância. É antes de tudo reconhecer no próprio homem e no mundo uma relação que permite este homem dizer que ele e o mundo con-vergem. É ao se colocar na decifração desta simbólica que o homem se compreende.

Todavia, este ato simbolizante que caracteriza o homem não o en-

cerra no universo como em um sistema fechado de significações iminentes e que designariam exclusivamente o próprio mundo. A leitura da simbólica que o homem faz nele mesmo, nos outros e no mundo, só é plena quando nela ele lê sua convergência para algo mais que toda realidade. Este algo é descrito na História das Religiões como uma Pessoa ou um Poder irreduzível ao homem e ao mundo. A religião, não seria entendida como um esforço do homem para "apoderar-se de Deus", mas seria a suprema atividade simbolizante do homem, pois o coloca em relação, estabelece esta harmonização, por este mundo, com a existência velada, mas se revelando de um Outro denominado Deus e cuja realidade comanda a realidade do homem e no homem do mundo. A atividade simbolizante do homem não se faz independente de Deus: ele simboliza com Deus, de tal modo que ele se conhece no mundo como o ser cuja realidade fontal não pode se dispensar de Deus.

Esta leitura simbolizante do homem pela qual o mundo se manifesta em sua convergência para Deus, não se realiza sem que haja igualmente uma atividade simbolizante do próprio Deus, fundamento de toda simbólica. Neste sentido poderíamos apreciar toda a criação como sendo manifestação desta simbólica do Deus Criador pela qual referindo-se a nós, nós nos possamos referir a Ele. O gesto criador de Deus é o "ato inaugurante" de uma simbólica, condição de encontro e comunhão do homem com Deus.

Em suma, a simbólica compreende a ação do homem e de Deus, os quais tornam o mundo dicção de si mesmos. Instaura-se a festa do encontro, em que se exprime não só o que é imanente ao homem, mas esta entrega de Deus ao homem, origem deste mundo no qual se opera o mútuo reconhecimento deles. A Eucaristia é justamente a celebração no Cristo deste encontro do homem e Deus.

1. A simbólica do homem na Eucaristia

A simbólica do homem na Eucaristia se resume essencialmente na simbólica do pão e do vinho. Eles assumem a significação geral de alimento e bebida, muito embora tenham seu caráter limitado de pão e vinho. Na Igreja Antiga o simbolismo do pão e do vinho é descrito em vivas cores. Na prece Eucarística, conservada pela **Didaqué**, lemos: "Da mesma maneira como este pão rompido, primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti tua Igreja em teu Reino" (Cap. IX). Acentua-se na oração a unidade resultante da Eucaristia. Porém não exprime a atividade do homem que permite passar da colina ao pão. Aliás não se encontra também expressa nos comentários ulteriores. S. Cipriano escreve: "Assim como dos múltiplos grãos reunidos, moídos e amassados por um único pão, no Cristo que é o pão do céu não há, sabemos bem, senão um só pão com o qual nossa pluralidade se confunde" (Ep. LXIII, 13,4). O mesmo pensamento é retomado por S. Agostinho (in

Jo 27,18), que também se referirá ao simbolismo da unidade da Igreja significado no pão e no vinho eucarísticos. Este aspecto da unidade simbolicamente representada na Eucaristia será esquecido no Ocidente, após as controvérsias eucarísticas dos séculos IX e XI.

Em todos estes textos, acima citados, vemos que não se considera devidamente o aspecto do trabalho do homem. Para que haja pão é necessário o agir do homem. Na própria Bíblia encontramos: "A terra donde sai o pão" (Jó 28,5) e Isaías anuncia: "Ele te dará a chuva para a semente que tu terás semeado na terra, e o pão que produzir a terra será nutritivo e sabroso" (30,23). As bênçãos judaicas sobre o pão, proclamam: "Bendito sejas tu Senhor nosso rei dos séculos que fazes a terra produzir o pão". E igualmente sobre o vinho: "Bendito sejas tu... que nos dás este fruto da vinha". Todos estes textos acentuam um aspecto essencial: a atividade criadora de Deus na natureza e decantam a natureza receptáculo do agir de Deus. A atividade do homem fica subentendida. O pão e o vinho são focalizados mais em uma simbólica do Criador e da criação que em uma simbólica do homem. A atividade do homem é todavia implícita, pois sem ela não haveria nem pão nem vinho. Estas considerações não nos devem levar, por outro lado, a minimizar ou mesmo esquecer a simbólica de Deus. Esta é patenteada em toda sua plenitude na simbólica do Cristo.

Acentuamos a importância desta simbólica do homem na Eucaristia.

Seguindo uma reflexão de S. Atanásio, só que em um outro nível, nós podemos perceber esta importância. Atanásio permanece irreduzível na afirmação da divindade do Cristo e de sua humanidade. Se Cristo não fosse verdadeiramente Deus não haveria salvação, o mesmo sucederia se ele não houvesse assumido totalmente nossa natureza humana. Na Eucaristia, ao se acentuar a simbólica de Deus não se quer deixar de lado a simbólica do homem, pois esta é importante à compreensão do alcance transformante da Eucaristia, enquanto nela temos também a simbólica de Deus.

Um dos primeiros a acentuar esta simbólica do homem na Eucaristia foi S. Gregório de Nissa: "Ver o pão é ver o corpo do homem, pois este está diretamente condicionado por aquele. Donde ser menos espantoso, conclui ele, ouvir o Cristo afirmar do pão: "é o meu corpo", uma vez que se pode dizer de todo pão que ele é o corpo humano em potência" (cf. Disc. Cateq. XXXVII, 7-8). Gregório destaca o pão como componente da identidade do homem. Não reflete, no entanto, sobre o pão resultado da atividade do homem.

1.1 A atividade do homem

Vejam agora em alguns breves pontos esta simbólica do homem expressa nos elementos da Eucaristia, antes da consagração, isto é, enquanto pão e vinho humanamente considerados.

Pão e vinho sugerem a vinha e o trigal, supondo um e outro o trabalho do homem. Sabemos outrosim que a cultura do trigo e da vinha surgem em períodos históricos determinados e marca uma lenta evolução do homem em seu domínio e cultivo da terra.

Empregados na Eucaristia, o pão e o vinho atestam o homem que a celebra. Este é um ser de trabalho, de criação e de cultura. Ele aí está incluído em toda sua atividade. Mais ainda. Sua atividade o orienta para esta celebração de modo a se poder mesmo dizer que estas suas atividades são atos eucarísticos. É este homem, assim compreendido, que entra na Eucaristia. Seria possível o homem tocar a Eucaristia se esta não o tocasse? A Eucaristia, pão e vinho, se torna linguagem do homem e diz simbolicamente sim ao homem, enquanto ele é homem de trabalho, de criação e de cultura.

No ofertório da Missa o sacerdote diz a oração: "Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do **trabalho do homem**". Do mesmo modo quando se eleva o cálice: "...fruto da vinha e do **trabalho do homem**". Encontramos assim expresso na liturgia do ofertório esta simbólica do homem. É a resposta do homem à Palavra que foi pronunciada, dom de Deus. Nesta resposta ele agradece este dom de Deus e nele se insere em sua atividade e ação criativa. Como podemos constatar, no Ofertório, a simbólica do homem vai de par com a simbólica do Deus Criador: "recebemos da vossa bondade"; e a simbólica da criação: "fruto da terra".

1.2. Aspecto comunitário

O pão e o vinho apontam para a comunidade que os produz por seu trabalho e deles se serve em suas refeições. Esta referência à refeição levou muitos a relacioná-los com as refeições tomadas em comum com o Ressuscitado e a ver nessas refeições uma antecipação da ceia escatológica. Com efeito, a realização do Reino fora anunciada sob o símbolo de um festim.

Em uma simbólica do homem, o pão e o vinho não só falam desta necessidade comum a todos os homens de comer e beber, como também sendo uma necessidade que associa os homens entre si. Hoje mais do que nunca vemos que o exercício da atividade do homem os une entre si, eles se tornam sempre mais interdependentes. Podemos pois dizer que a Eucaristia, pão e vinho, compreende uma simbólica da atividade do homem que se liga intimamente a uma simbólica da comunidade. Escreve Leroi Gourhan: "Quando nós comemos nós participamos de todos estes fatos (de produção e repartição) que englobam o mundo... Não existe para o homem aquiescência mais total a tudo que o encerra que o ato de comer. É o modo humano de dizer seu sim, pois é o sim ao mesmo tempo do corpo e da alma. É assim que realizamos em comum a sorte comum da humanidade: sua miséria, seu serviço e sua falta... sem evasão possível". Atinge-se pois uma dimensão social da existência humana, da qual o Concílio Vaticano II faz eco (GS 23-31), sem que a tenha, no entanto, suficientemente integrado na doutrina euca-

rística. A dimensão comunitária abre-se, pois, ao aspecto social que se deve levar em consideração em toda reflexão que se faz da Eucaristia.

Se a simbólica do Criador na natureza não deve suprimir a simbólica do homem em sua atividade, do mesmo modo a afirmação da unidade da Igreja realizada pela Eucaristia, não deve embaçar a simbólica humana da sociedade no pão e vinho produzidos e consumidos juntos. Esta realidade social do homem presente no alimento e na bebida entra como a atividade do homem na Eucaristia da qual o pão e o vinho são parte integrante. Ecoa alto a exigência jamais satisfeita da perfeita comunidade humana, representada pelo pão e vinho. Esta exigência aparecerá ainda mais claramente ao perceber que a simbólica do homem na Eucaristia compreende também uma simbólica do seu corpo.

1.3. A corporeidade

Este homem visto em sua atividade criadora e social na Eucaristia é homem enraizado no mundo por seu corpo. O pão e o vinho, ponto de partida de nossa reflexão sobre a simbólica do homem na Eucaristia, nos levam a considerar o corpo sob o aspecto de dependência alimentar do homem no mundo.

O alimento e a bebida estariam representando simbolicamente toda a gama de necessidades propriamen-

te humanas, das mais biológicas às mais espirituais. O desabrochar espiritual do homem não se faz sem que haja uma relação constitutiva com o mundo que mantém seu "corpo". Teilhard, de modo um pouco dualista escreve: "Se o mais humilde e o mais material dos alimentos é capaz de influenciar profundamente nossas faculdades as mais espirituais, o que dizer das energias infinitamente mais penetrantes que veiculam a música das nuances, das notas, das palavras, das idéias? Não há em nós um corpo que se alimenta independente do espírito. Tudo o que o corpo admitiu e começou a transformar, é necessário que a alma o sublime. Ele o faz em sua dignidade e ao seu modo. Mas ela não pode escapar a este contacto universal e a este trabalho de todos os instantes. Assim vai se aperfeiçoando nela, para sua felicidade e com seus riscos, o poder particular de amar e compreender que formará sua mais imaterial individualidade. O trabalho da alga que concentra em seus tecidos as substâncias espalhadas, em doses infinitesimais, no lençol imenso do oceano; a indústria da abelha que forma seu mel dos sucos espalhados em tantas flores, são uma pálida imagem da elaboração contínua que se opera em nós, para se tornar espírito, todos os poderes do universo" (*Le Milieu Divin*, 46-47). Isto o leva a concluir: "Minha matéria (ou meu corpo) não é uma parte do Universo que eu possuiria **totaliter** (de uma só vez, como uma coisa). É a totalidade do Universo possuído por mim **partialiter**".

Meu corpo não é um objeto entre outros. Mas é o meu estar no mun-

do em uma profunda interação. Esta interação constitui justamente o elemento constitutivo de minha identidade pessoal. É o princípio de referência com este mundo, pessoal e social. Esta referência, compreendida como interação, define meu corpo e comanda, condiciona e estruturalmente constitui a qualidade, a amplidão de minhas relações com o mundo, com os outros e com Deus. Fome e sede, relacionando-nos conscientemente com o mundo, como o lugar insubstituível donde tiramos alimento e bebida, devem nos revelar a profundidade constitutiva de nossa relação física e simbólica com o mundo. Ao mesmo tempo nos mostra a impossibilidade que nós encontramos de nos definir independentemente desta relação.

Este aspecto corporal a partir do qual se analisa a simbólica do homem na Eucaristia designa uma verdadeira simbólica do homem. A Eucaristia atesta o caráter insubstituível do corporal no coração mesmo de sua celebração. No momento da consagração nós temos: "tomai e **comei** tomai e **bebei**".

Podemos dizer que a Eucaristia dita e edita silenciosamente um programa imperscrutável de integração homem-natureza, homem-sociedade. Ela proclama a inseqüência na qual o homem se coloca ao celebrar a Eucaristia, se ele não se dispõe à realização efetiva deste programa. Notemos, por outro lado, que não é só fazendo isto que há Eucaristia. Ela é mais do que toda realização humana. Ela nos coloca no empenho desta realização na colheita do que ela é: Ação de graças a Deus e ação de Deus em favor dos homens.

1.4. A finitude humana

O homem compreendido simbolicamente como um ser de necessidade é também compreendido, no horizonte do pão e do vinho, como um ser finito, limitado e mortal. Ainda que todos tivessem do que comer e beber permaneceria, no entanto, na necessidade de comer e beber uma significação profunda a ser buscada.

O alimento e a bebida marcam uma finitude, muitas vezes esquecida, jamais superada. Esta dependência biológica fala ao homem de sua mortalidade. Ele se manifesta como um ser de nascimento, crescimento, de declínio e de morte. Esta dependência é tão marcante que mesmo ao se referir à vida do além bem-aventurado ele a representa sob a forma de uma ceia, de mesa ou de jardim. A escatologia cristã se apresenta em uma simbólica de "festim".

A simbólica eucarística do pão e do vinho, alimento e bebida, tem assim um alcance capaz de designar o homem em sua finitude e mortalidade. Este aspecto não é geralmente ressaltado ao se falar da Eucaristia. Porém, é importante quando compreendemos que o Cristo na Eucaristia apreende o homem em sua totalidade. A simbólica do pão e do vinho fala deste homem que é assumido integralmente pelo Cristo. Fala também deste processo de divinização no qual nos lançamos e que abarca nossa humanidade toda inteira.

Neste capítulo procuramos salientar a simbólica do homem a

partir dos elementos constitutivos da Eucaristia, o pão e o vinho, considerados como alimento e bebida. Eles se transformam no corpo e sangue do Cristo. Lemos no Ofertório: "Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar pão da vida".

2. A simbólica do Cristo

O Cristo na Eucaristia apreende o homem todo mediante a simbólica do pão e do vinho. Ele se apresenta como este perfeito conhecedor do coração humano e este revelador maravilhoso da divina condescendência, pois Ele não é outro que o humanizador "**descido**" de Deus. A Eucaristia que nos apresenta o Cristo de modo tão divinamente humano exige ser compreendida em uma teologia da humanidade do Cristo. É a humanização efetiva de Deus no Cristo que confere à simbólica do homem na Eucaristia sentido e valor. É pois esta humanização que a simbólica do Cristo na Eucaristia busca acentuar.

Não se deve esquecer que o Cristo na Eucaristia é inseparável do Cristo ressuscitado. A exinanição ou o Cristo **descensus** nos conduz ao Cristo glorioso ou o Cristo **ascensus**. S. João exclama: "Isto vos scandaliza? Pois que será se virdes o Filho do homem subir para onde estava antes?" (Jo 6,61-62). Toda reflexão sobre o Cristo na Eucaristia não pode deixar de considerar igualmente o Cristo Glorioso e o Cristo Servidor.

2.1. O Corpo do Ressuscitado, nova relação do Cristo com o mundo

O corpo não se reduz a uma objetividade natural de espaço e de tempo. Ele é sobretudo o princípio constitutivo de uma relação específica do homem com o mundo. O essencial no corpo é esta interação que ele marca entre homem e mundo. Se esta interação subsiste, também o corpo subsiste, mesmo se ele é introduzido em uma condição física nova representada e realizada pela imortalidade da ressurreição.

Com a ressurreição, Cristo não está mais submisso às leis do mundo, nas quais a morte se encontra imanente à vida e a vida à morte. O Cristo ressuscitado "entrou em sua glória" (Lc 24, 26). "O Cristo ressuscitado dos mortos já não morre, a morte não tem domínio sobre Ele. Porque morrendo, Ele morreu para o pecado uma vez para sempre; mas, vivendo, vive para Deus" (Rom 6,9-10).

Neste sentido, ao falar do Cristo glorioso, seriam impróprias todas as expressões que sugerem determinações espaciais ou temporais como: **nos céus, à direita do Pai, sob as espécies**. Porém, ultrapassar estas condições sugeridas na simbólica do homem não é para o Cristo abandonar toda relação com o mundo em seu corpo. A ressurreição que concerne ao seu corpo, concerne justamente sua relação com o mundo e institui no Cristo um novo modo de relação Cristo-mundo. Se antes se referia a Ele no binômio de vida-morte, agora se refere a

Ele em relação de transfiguração e nova vida. O Apocalipse proclama: "Não temas, eu sou o primeiro e o último, o vivente, que fui morto e agora vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno" (Apoc 1,17-18). A ressurreição não suprime esta relação do Cristo com o mundo, mas transforma-a. Ele se torna fonte de vida ultrapassando nele mesmo e para nós a natureza e a morte assim como todas as alienações.

Em suma, a vitória do Cristo sobre a morte é significada em seu corpo, isto é, não destrói a relação do Cristo com o mundo mas transfigura radicalmente o sentido desta relação. Mortal que era, torna-se vivificante nele mesmo e para nós. Não esqueçamos que é na ex-nanição da cruz que Ele opera esta passagem da morte para a vida. E ele continua relacionado com este mundo sujeito à morte através de sua Encarnação, isto na força transfigurante e vivificadora de sua ressurreição.

2.2. O corpo glorioso: obra do Espírito Santo

Esta relação do Cristo glorioso com o mundo se faz no Espírito Santo. S. João se refere a ele quando escreve: "Ainda não fora dado o Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado" (Jo 7,39). E em S. Paulo lemos: "Jesus foi estabelecido poderoso segundo o Espírito de Santidade a partir da ressurreição de entre os mortos" (Rom 1,4).

É em virtude deste que o Cristo recebeu "sem medida" (cf Jo 3,34), que se realiza o mistério insondável

de sua própria glorificação. Mas falar do Cristo ressuscitado na glória do Espírito é falar necessariamente da glória do Cristo em seu corpo. E falar da glória do Cristo em seu corpo é falar da relação do Filho de Deus com este mundo. A morte e ressurreição não destruíram o corpo do Cristo mas o transfiguraram. Seu corpo tornou-se divinamente ativo e universalmente vivificante na Ressurreição. Ele mantém na glória do Espírito esta relação transformante com este mundo. Cristo conduz ao mundo, por esta nova relação, a imortalidade, a reconciliação e a vida que estando nele vem a nós pelo Espírito.

A Eucaristia é a atualização da realidade espiritual do corpo ressuscitado do Cristo, isto é, do próprio Senhor em sua relação, ao

mesmo tempo, transfigurada e transfigurante, com este mundo e conosco. Esta é propriamente a simbólica do Cristo na Eucaristia. Esta é a presenciarização do Cristo glorioso que na Eucaristia realiza a passagem da humanidade para o Pai na ação vivificante do Espírito Santo.

Na Eucaristia, pão e vinho, o homem é apreendido simbolicamente e reconduzido à fonte de sua vida: Deus Criador. Esta convergência se opera na simbólica do Cristo que em seu corpo glorioso vivifica o homem e o mundo conferindo-lhes a Vida, que Ele possui em plenitude. É a criação retomada na nova-criação, neste processo de morte e ressurreição que é passagem (Páscoa) deste mundo para o Pai. Nada é destruído, mas tudo é transformado, transfigurado.

DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

PESSOAL

E

Pe. Luiz González, SJ

COMUNITÁRIO

O Pe. Luiz González, jesuíta, se especializou neste campo de orientação religiosa: o discernimento espiritual em comum. Hoje é considerado uma autoridade no assunto na própria Ordem como fora dela. **CONVERGÊNCIA** publica um resumo que ele escreveu depois de dirigir mais de 30 Cursos de iniciação ao discernimento espiritual na Itália, Espanha, Portugal, México, Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai, Colômbia e Bolívia.

O que se pretendeu

Quis ajudar um grupo de religiosos e de religiosas, de preferência jesuítas, a experimentar o em que consiste o discernimento comunitário. Sabia, desde o início, que um Curso deste gênero encontraria dificuldades quase insuperáveis. De outra parte, o Curso teria uma duração muito breve, geralmente três

dias completos. Ora, o discernimento espiritual pede tempo indeterminado. O discernimento comunitário, além disso, supõe ordinariamente uma comunidade e, com frequência, um objetivo comum e um compromisso dos membros do grupo. Em nossa experiência tratava-se de comunidades artificiais e temporárias que, dificilmente, poderiam propor-se um objetivo comum.

Quase nunca podiam tomar uma decisao que afetasse os membros do grupo.

Estas circunstancias me obrigava a declarar abertamente, desde o principio, que se tratava de uma experiencia que comportava um elemento artificial e não real. Isto, porém, nunca significou que a experiencia teria de ser inútil. Sempre contribuiu para compreender melhor, por experiencia, em que consiste o discernimento comunitário e ajudaria a aplicá-lo nas circunstancias reais da vida.

A experiencia foi feita ordinariamente com pessoas pertencentes a comunidades muito diferentes. Isto trouxe uma riqueza maior à mesma experiencia, sempre que a mistura era proporcional, sem prevalecer a presença de membros de uma mesma comunidade. Isto sim seria prejudicial.

O número ideal para um grupo de discernimento seria de 15 a 20 pessoas. Fui obrigado em várias oportunidades a aumentar grandemente este número; 40 ou 50 foi o número normal. Em várias ocasiões aceitei 100, 150 e até 220 pessoas.

Quando o grupo era apenas de 50 membros, dividia o grupo em subgrupos de seis ou oito. Realizava sessões comuns para todos os membros de todos os subgrupos. Quando o grupo era mais numeroso, superior a 50 pessoas, além destes subgrupos de seis ou de oito, criei ainda outra categoria intermediária: grupos de 20 ou 30 sob a direção de um orientador que era treinado para ajudar a encetar a marcha. Também os reunia a todos

para fazer reflexões comuns sobre o que se conseguiu realizar.

Para compreender melhor em que consistiu a experiencia, vou descrever cada uma das etapas. Nem sempre segui o mesmo método, nem acredito que o continuarei empregando, porque a vida ensina continuamente novos caminhos. Vou referir o que fiz nos últimos cursos dados.

A primeira noite

A experiencia foi quase sempre realizada numa **Casa de Exercícios Espirituais**, onde é possível dedicar-se ao discernimento comunitário durante os três dias completos. Quando os grupos eram grandes, as horas eram mudadas pela manhã e pela tarde.

Objetivo. Fazer com que os membros do grupo começassem a se conhecer. Iniciá-los na experiencia do que pretendíamos realizar.

Método. 1.º) Breve apresentação das pessoas do grupo ou dos Institutos Religiosos ou dos membros representados. 2.º) Grupos espontâneos de seis ou de oito pessoas para colocar em comum "receios e esperanças" diante do Curso. 3.º) Síntese, na reunião geral, destes receios e destas esperanças. Comentário para mostrar que o Curso deve ser mais prático do que teórico; mais experimental do que intelectual; mais espiritual do que psicológico; mais comunitário do que individual. 4.º) Algumas vezes termina-se com a Eucaristia, cujo tema fundamental é sempre: **A Virgem no Cenáculo.**

INTRODUÇÃO AO DISCERNIMENTO

Pela manhã, normalmente, realizamos dois exercícios para esclarecer o que é discernimento pessoal e comunitário, seguidos de diálogo, com breve descanso intermediário.

Primeiro Exercício: Que é o discernimento espiritual pessoal?

Pode-se seguir por muitos caminhos. Ultimamente julguei útil comentar detidamente a definição de discernimento espiritual que o **ORDO PAENITENTIAE** dá em seu número 10: **Discretio enim spirituum est intima cognitio operis Dei in corde hominum: donum Spiritus Sancti et fructus caritatis.** Ver ainda Filp 1, 9-11.

Esta definição tão rica e a citação da carta aos filipenses podem ser completadas com aquilo que o próprio **ORDO** traz, poucas linhas antes sobre os modos pelos quais se consegue o discernimento espiritual: a ciência, a prudência sobrenatural, infundida e adquirida; a experiência sob o magistério da Igreja; a oração que não pode ser entendida apenas como intercessão, mas sobretudo como familiaridade com Deus.

Segundo Exercício: Que é o discernimento espiritual em comum?

Também neste caso aproveito a descrição anterior fazendo ver que se trata de uma analogia. Dão-se, portanto, as mesmas características

na comunidade e em partes diferentes desta comunidade. Mostro então como Deus opera na comunidade e em cada um de seus membros; como a comunidade é obra do Espírito Santo que atua por meio da caridade e estabelece uma comunicação de bens espirituais entre todos os membros do grupo. É muito oportuno o comentário de 1 Cor 12, 14 onde se fala da ação do Espírito Santo nos diferentes membros do corpo da Igreja.

Também costumo explicar as razões pelas quais o discernimento comunitário é hoje mais necessário do que em outros tempos: a maior responsabilidade nos membros da comunidade na orientação e, às vezes, na decisão a ser tomada; o conhecimento da ação do Espírito Santo em cada membro da comunidade e no grupo; o serviço da autoridade que, sustentando a decisão, precisa ser mais ajudada pelo conselho de seus companheiros.

À tarde se acrescentam mais dois exercícios de caráter um pouco diferente, menos didáticos e mais experimentais.

Terceiro Exercício: Experiência dos "espíritos".

Objetivo. Trata-se de ajudar a conscientizar-se de cada um dos movimentos ou "espíritos" que se produzem no próprio interior. Trata-se de expressar o que se sente para os demais e experimentar a difícil-

dade ou a facilidade nesta expressão; trata-se, enfim, de fazer compreender experimentalmente que a comunicação em nível experimental contribui para formar a comunidade e estreitar a confiança nas relações mútuas.

Método. Para se conseguir estes objetivos aconselho estes exercícios: **1.º)** Cada um vá para um lugar tranquilo para uma hora de oração e de reflexão. Nesta hora cada um tome consciência e procure expressar para si mesmo o que sente a respeito de um tema que sugiro. Por exemplo: O que sinto na atual crise da vida religiosa? O que sinto em minhas relações com Deus? Que reação sinto diante de meu atual trabalho apostólico? Etc. O importante é concentrar-se em uma só coisa. **2.º)** Depois desta hora de reflexão se reúnem em grupos pequenos. Estes grupos são permanentes deste momento em diante. No grupo cada um procura expressar singelamente o que sentiu. Cada um de uma vez. Só depois que todos se expressaram, a conversação pode continuar de maneira espontânea.

Este exercício termina aqui, porque exatamente nesta comunicação em pequenos grupos é que se encontra o fruto que se pretendia. Pode ser útil fazer um plenário, uma reunião em comum, onde não se repete o que já se disse, mas se pode conscientizar de como se conseguiu o que havia sido proposto.

Quarto Exercício: "Rol Play" sobre o discernimento.

Este último exercício do dia foi apresentado sempre de maneira

muito variada. Vou descrever a última que teve bom êxito.

Objetivo. Conhecer a idéia que cada um formou do que é discernimento comunitário e o modo como cada um acha que poderia desenvolvê-lo no grupo.

Método. Apresentamos um **Rol Play**. Convidei cinco para a representação de uma comunidade que, juntamente com seu Superior, quer discernir sobre a transformação de uma escola de ricos no centro de uma cidade para uma escola de pobres em subúrbio. O exercício se desenrola assim:

1.º) Cada um dos cinco representantes na encenação recebeu o papel de encarnar um personagem: a) O Superior que orienta a reunião de discernimento. b) Um súdito que se orienta espontaneamente para manter a obra no centro da cidade. c) Outro que se inclina a transferi-la para o subúrbio. d) E outros dois que não têm preferências previamente marcadas. Seguem a orientação que espontaneamente desejam. Ninguém sabe o papel que o outro desempenha, exceto o Superior. Podiam representar outros papéis como, por exemplo, religioso jovem, diretor de antigos alunos, alguém comprometido em comunidades de base, etc.

2.º) Representam a peça ou fazem o jogo durante trinta minutos diante de todos.

3.º) Refletem sobre o jogo para ver o que cada ator sentiu durante a representação; o que sentiram os espectadores; revelam-se os papéis que cada um representou. Termina-se resumindo o que cada um pensa

ser o discernimento comunitário e o que pode ajudá-lo ou obstaculá-lo. Geralmente se termina desejando ter um guia para se fazer o discernimento. Esta tarefa será realizada no dia seguinte.

No fim do dia celebramos a Eucaristia. O tema pode ser o Espírito Santo. **Leituras:** Ezequiel capítulo

36: porei minha lei em vossos corações. Rom 8, 8-17: a vida segundo o Espírito. Jo 14, 15-20 e 16, 12-15: a promessa do Espírito. A **homilia participada** coloca em comum os sentimentos do dia, favorecendo a transparência mútua e ajudando a que todos formem uma comunidade verdadeira em torno do altar.

Segundo Dia: PRÁTICA DO DISCERNIMENTO

Pela manhã proponho outros exercícios.

Quinto Exercício: Escolha de um tema para discernimento.

Objetivo. Aprender sobre que temas se deve fazer discernimento e concluir efetivamente escolhendo um sobre o qual se fará a experiência.

Método. Para conseguir esta finalidade proponho estas etapas:

1.^a) Uma breve explicação sobre as qualidades que deve ter o tema para o discernimento. a) Um tema sobre o qual o grupo tenha certo conhecimento definido. A informação anterior e prévia é indispensável. Na hora não se adquire. b) Um tema que interesse a maior parte do grupo. c) Um tema que não ofereça desde o começo uma solução óbvia, ou porque é claro em si mesmo ou porque os Superiores são os únicos que podem dar a solução. d) Um tema sobre o qual o grupo tenha competência para resolver a fim de se evitar a frustração. Trata-se apenas de ajudar cada um a formar, com maior acerto, um juízo de

discernimento; ou de apresentar este juízo ao Superior; ou de decidir, etc. Como a comunidade é artificial não se chega a uma solução vinculante.

2.^a) É útil convidar a separar-se em pequenos grupos por algum tempo, para procurar e propor alguns temas que apresentem estas condições.

3.^a) Reunidos depois todos os grupos, discute-se a conveniência de escolher um determinado tema. Decide-se por votação. Ou pede-se um voto de confiança para que, segundo minha experiência, eu mesmo escolha um dos temas propostos. Não se deve perder tempo na escolha do tema. Eis alguns temas já escolhidos: Nós, religiosos desta cidade, damos um testemunho de pobreza, inteligível ao nosso semelhante? A vida religiosa perdeu sua atualidade? Num conflito entre instituição e carisma pessoal, o que deve prevalecer?

4.^a) É muito importante, depois que se escolheu o tema, explicar bem o seu sentido, redigir a forma

definitiva para que todos tenham o mesmo texto; garantir, tanto quanto possível, que todos o entendam do mesmo modo e não equivocadamente. Note-se bem que muitas dificuldades provêm da falta de clareza acerca do assunto a respeito do qual se quer discernir.

Sexto Exercício: Considerações sobre as razões contra.

Objetivo. Trata-se não só de conhecer um aspecto negativo do problema ou uma das oposições, mas de situar-se existencialmente como se nós realmente pensássemos assim. Há coisas que são descobertas apenas na perspectiva da experiência pessoal.

Método. Para se conseguir este efeito recomendo as seguintes etapas:

1.^a) Dedicar algum tempo tranquilo e solitário para penetrar este aspecto do problema e para situar-se existencialmente do lado daqueles que pensam deste modo. Importa que você, embora não esteja subjetivamente convencido da validade destas razões, se esforce por descobrir os motivos que, honestamente, se pode ter para alguém pensar assim. Devem-se escrever estas razões.

2.^a) Será útil, se o tempo permitir, reunir-se logo em pequenos grupos durante trinta ou quarenta minutos, para escutar as razões que cada um encontrou, discuti-las, se preciso, para valorizá-las mais objetivamente, e mudar, cada um por si, o que julga conveniente, na redação que anteriormente havia feito. De qualquer maneira, antes de

reunir-se em plenário, deveria cada um, em particular, sem comunicar ao outro, expressar por escrito, as razões em que se apóia para tomar esta decisão.

3.^a) Na reunião plenária, cada um escuta com a atenção e com o silêncio que isto supõe, as razões de cada um.

4.^a) Embora pela brevidade do tempo nem sempre se pode dispor dele para o diálogo, constatei a utilidade de comentar eu mesmo, a experiência seguinte: enriquecimento de conhecimento; esforço pessoal de deliberação interior para compreender melhor posições distintas daquelas que espontaneamente assumo; liberdade de expressão; atenção prestada a cada um, etc.

À tarde se fazem outros exercícios.

Sétimo Exercício: Considerações sobre as razões pró.

Objetivo. Compreender melhor o aspecto positivo, ou seja, o outro extremo de uma posição assumida.

Método. Em geral aconselho seguir as mesmas etapas do exercício anterior, embora omita, quase sempre, a segunda etapa, ou seja, o intercâmbio de impressões no pequeno grupo. Assim passamos diretamente das considerações particulares a favor para a leitura das mesmas em plenário. Esta omissão se justifica, em primeiro lugar pela falta de tempo num Curso tão breve e, em segundo lugar, a comprovação experimental das vantagens e das desvantagens que se seguem na variação do programa.

Oitavo Exercício: Disposições para o discernimento.

Objetivo. Conseguir a atitude necessária para se fazer discernimento. É a atitude que Santo Inácio exige de quem faz os **Exercícios**, quando se dispõe para fazer a eleição: decisão de buscar e fazer a vontade de Deus; liberdade interior; pobreza espiritual; vontade de abraçar a verdade até as últimas consequências; amor preferencial a Cristo pobre e humilde (terceira maneira de humildade).

Método. Não é possível, praticamente, conseguir em tão pouco tempo as disposições que se conseguem ordinariamente nos Exercícios, no fim de duas semanas. Quero apenas propor duas etapas:

1.^a) Explicar, com a maior brevidade, quais seriam as disposições internas de que necessitamos para aceitar a verdade, referindo-me implicitamente às mesmas condições mencionadas nos Exercícios, sem insistir, porém, em Santo Inácio. Apóio-me mais na doutrina de São

Paulo, especialmente em Rom 12, 2; Ef 5, 6-13; Filp 1, 9-11.

2.^a) Deixar tempo para a meditação pessoal, para examinar a atitude particular em contraste com estas disposições, recomendando o desejo de alcançá-las e de pedi-las numa oração confiante.

Também no fim do dia celebramos a Eucaristia. **Tema:** a vontade de Deus, a vocação. As leituras podem ser, por exemplo: Gên 12, 14: a vocação de Abraão; Deut 7, 7-15: Deus escolhe por amor; 1 Cor 12, 4-11: a multiplicidade e a complementariedade dos dons de Deus na Igreja; Jo 15, 9-17: Jesus chamou a quem quis. Qualquer um destes textos ajuda a confiar para aceitar o que se pede, mesmo se for difícil.

A **homilia participada** deve ser uma colocação em comum das disposições a respeito do discernimento que descobriram durante o tempo de oração. Às vezes o tema e a homilia se fundem. Neste caso cada um pode propor um texto da Escritura que expresse sua situação atual e o comenta brevemente.

Terceiro Dia: PRÁTICA DO DISCERNIMENTO. CONCLUSÃO.

Pela manhã dois exercícios.

Nono Exercício: Reconhecimento da situação.

Objetivo. Trata-se de reconhecer se todos os membros do grupo que vão fazer o discernimento tiveram tempo de chegar a uma conclusão e fazê-los compreender que, quan-

do se faz discernimento em comum, é preciso respeitar a liberdade e o ritmo de cada um.

Método. Para se conseguir estes objetivos costumo indicar estas etapas:

1.^a) Explico como seria de desejar que todos, ao chegar a estas

alturas, já deveriam ter formado uma opinião pessoal sobre o assunto proposto. Convido a se expressarem individualmente com um sim ou um não, apoiando-se cada um nas razões que lhe parecem mais convenientes. Seria bom ter esta posição e estas razões por escrito. Pergunto a um por um se efetivamente teve oportunidade, advertindo que, quando se trata de um verdadeiro discernimento, não se pode ir adiante até que todos ou quase todos tenham chegado a este discernimento pessoal, embora possa ser provisório.

2.^a) Se vários não tiveram a oportunidade de chegar a uma conclusão, seria muito útil conceder um tempo adicional (30 ou 40 minutos) para que cheguem a concluir, porém, sempre independentemente uns dos outros. Se apesar de todos os pesares, alguém não conseguiu mesmo chegar a esta conclusão, seremos obrigados a continuar os exercícios apenas com aqueles que atingiram o discernimento pessoal. Os demais manifestem singelamente a sua situação e acompanhem o grupo. Acontece que com a ajuda dos companheiros, pouco mais adiante, conseguem ver com mais clareza.

Décimo Exercício: Tentativa de discernimento comunitário.

Objetivo. Suposta a tentativa de um discernimento pessoal, obtido no exercício anterior, agora trata-se de colocar em comum o discernimento pessoal. É nisto exatamente que consiste um dos aspectos do discernimento comunitário mesmo se não se chegue a uma decisão comum. Cada um ajudará a todos

e todos ajudarão a cada um a fazer melhor o seu discernimento pessoal. É preciso levar em consideração que para se fazer pessoalmente o discernimento interessa não só saber as razões que o movem, mas ainda os sentimentos e as moções que o agitam.

Método. Segui as seguintes etapas:

1.^a) Depois de ter criado um ambiente especialmente de oração no grupo, fazemos uma reunião onde apenas se escuta o resultado a que cada um chegou através de seu discernimento.

2.^a) Terminada esta sessão de escuta, convido a ficar, ao menos por trinta minutos, em oração pessoal e em reflexão, para se conscientizar do que pensa e do que sente. Depois que se escutou a todos, tem-se nova luz para conhecer a verdade, para apreciar as convergências e/ou divergências. Simultaneamente surgem moções favoráveis ou contrárias. Será muito útil explicar o sentido negativo e positivo destas moções e destes pensamentos.

3.^a) Faz-se uma nova sessão geral para se comunicar singelamente, da maneira mais espontânea, os sentimentos que se tem, para pedir ou dar esclarecimentos. Geralmente uma sessão deste tipo (se o grupo não está muito cansado) costuma ser muito fecunda e lança muita luz para se compreender coisas que até este momento estavam confusas. A presença de uma pessoa de ampla experiência pode ajudar muito para orientar, reanimar o diálogo, facilitar as intervenções aos mais inibidos e interpretar o que o grupo está vivendo.

4.^a) A sessão termina quando cada um dos grupos recebeu todos os elementos suficientes para emitir um juízo, para fazer o próprio discernimento.

Quando se trata de um grupo que deve chegar a uma conclusão que afete os membros, o processo precisaria ser mais longo e amplo. Seria preciso comprovar o estado de opinião comum e tender para uma unanimidade, repetindo, se preciso, o exercício. A unanimidade que se pretende não significa identidade de pensamento de todos os membros do grupo, mas também pode dar-se tal unanimidade, quando o grupo reconhece ter encontrado um elemento jurídico suficientemente significativo da vontade de Deus, como pode ser uma votação majoritária, um mandato de Superior ou um sinal convencional aceito como tal: uma votação não obrigatória por direito.

À tarde pode-se prosseguir por várias alternativas, em uma ou mais sessões, conforme o tempo de que se dispõe.

Undécimo Exercício: Questões complementares.

Objetivo. Fico à disposição para resolver dúvidas que surgiram durante o processo de discernimento ou completar algum dos muitos pontos que não se pôde tratar durante o Curso e que excita interesse de algum grupo. Indiretamente se pretende também dar um espaço de tempo para a confirmação, isto é, para a experimentação dos efeitos espirituais causados em nós,

depois de haver tomado uma posição hipotética durante o andamento do trabalho.

Método. Para se conseguir estes objetivos segui vários caminhos:

1.^o) Convidei a que se reunissem em grupos para redigir as perguntas que gostariam de fazer-me. Esta reunião, a última dos subgrupos, costuma ser útil e muito agradável. Outras vezes, aproveitando-me da experiência de outros Cursos anteriores, em mesmo seleciono os problemas que acredito possam interessar mais para completar a instrução e a experiência do discernimento: valor das consolações e das desolações, papel do Superior, a unanimidade, etc.

2.^o) Costumo fazer uma ou duas reuniões para esclarecer as dúvidas e responder as perguntas. Aprendi que é preciso manter um diálogo muito vivo para não fazer longas exposições numa hora em que o público pode estar um pouco cansado do trabalho realizado.

A Eucaristia é parte integrante deste exercício sobretudo para colocar em comum os resultados do Curso e da confirmação. Com esta Eucaristia termino o Curso, mesmo se depois possa ser prolongado com uma avaliação, que deveria ser feita com perguntas concretas e previamente estudadas e anunciadas.

O tema poderia ser: ação de graças. As leituras: Ef 5, 20: viver em ação de graças; Mt 11, 25-30: Deus se manifestou aos humildes; Lc 1, 39-56: Magnificat. A homilia participada pode partir da comunicação dos sentimentos que se teve ao

terminar o Curso, mostrando o significado do estado de consolação ou de desolação e porque se atribui este significado. Outras vezes, por falta de tempo, se dispensa a homilia que é substituída por uma ação de graças, por aqueles motivos que cada um sente, antes do Prefácio da Missa.

Concluindo

Ao término destes Cursos me conscientizei do seguinte:

1. Quem freqüentou percebe que o discernimento não é um jogo fácil. Pelo contrário, exige uma forte preparação espiritual. Não se trata de um método mágico para se descobrir a vontade de Deus, mas de um método para amadurecer nossa idade de fé e viver segundo o espírito. É algo que implica toda a vida cristã.

2. Compreende-se então facilmente que o discernimento espiri-

tual em comum não é um método e que nem se pode confundir com aquilo que acabamos de praticar nestes dias. É um modo de buscar e de fazer juntos a vontade de Deus de um modo evangélico, isto é, com verdade, com liberdade, com responsabilidade, com caridade.

3. Sendo o discernimento espiritual em comum algo tão singelo e tão exigente simultaneamente, não se deve crer que conseguiu perfeitamente as condições necessárias. Basta boa vontade para começar, se cada um estiver consciente das deficiências, a fim de aplicar um índice de erro às conclusões, de acordo com o grau de preparação do grupo.

4. Sem dúvida, o grupo aprende experimentalmente outra coisa muito importante: o grupo cresce em maturidade na medida em que vai tentando realizar o discernimento. Pouco a pouco vai se fazendo mais transparente e mais coerente.

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS HOMENS NOS ESTADOS UNIDOS

II Reunião Interamericana de Religiosos Bogotá, Colômbia, outubro/74

Esta conferência é resultado das experiências compartilhadas pelos representantes da Conferência dos Superiores Maiores Religiosos que participaram da Segunda Reunião Interamericana de Religiosos, em Bogotá, Colômbia, em outubro de 1974. Propõe-se descrever a vida dos religiosos norte-americanos nestes últimos anos e investigar as mudanças ocorridas em matéria de oração, vida intelectual, vida consagrada, comunidade, ministério. É um esforço pretencioso por ser impossível que um pequeno grupo pressinta uma visão exata da vida religiosa nos Estados Unidos. Corre-se também o risco — e nós temos consciência dele — de comunicar uma idéia falsa, dada a imensa divergência de atitudes e de tendências, entre os religiosos de todo

o país e a falta de estudo global da situação. É claro que o alcance e a intenção deste documento são necessariamente limitados. Espera-se poder focar mais claramente a realidade norte-americana naquilo que toca aos religiosos, em estudos e debates posteriores.

Vários fatores positivos e negativos caracterizam a sociedade norte-americana e os religiosos nesta sociedade. Até bem pouco tempo, a maioria dos religiosos dos Estados Unidos, como a maioria dos católicos, descendiam de antepassados imigrantes e trabalhadores. Desde as origens estavam imbuídos de um espírito de pioneirismo que os capacitou a conceitualizar a vida e o apostolado como uma aventura, com fins claros e possibilidades ili-

mitadas. Suas extraordinárias contribuições ao ministério paroquial, à educação e à saúde foram e são causa de honra, dignidade e esperança para os católicos norte-americanos.

Os católicos embora fossem, e continuem sendo, um grupo minoritário e do qual suspeita uma sociedade onde predomina a ética protestante, desejam ser bem sucedidos e bem aceitos. O mesmo se dá com os religiosos norte-americanos. O êxito em coisas materiais, em programas de construção, em técnicas efetivas, foi tão importante para eles como para qualquer cidadão deste país. Foi assim que começaram a gozar da "boa vida" nos Estados Unidos, a confiar nos objetivos e aspirações nacionais, e não perceberam a necessidade de parar e confrontar as normas existentes com um testemunho bem pensado das exigências do evangelho. Em geral, a adaptação à sociedade norte-americana se deu em nível pragmático e acrítico. Em certos assuntos de religião existiu uma tendência legalista e moralizante que se preocupou muito com questões de peso e de substância, se fosse suficiente observar certas formalidades.

Este desejo de conformidade, que veio da década dos anos 60, se viu tremendamente frustrado pelos acontecimentos que se deram nestes últimos anos. Embora se tenha avançado grandemente na área dos meios de comunicação de massa, medicina e investigações genéticas durante estes anos de mudanças traumáticas e impressionantes, colocou-se em dúvida a segurança de

uma orientação positiva da sociedade norte-americana, em vista da guerra do Vietname, dos assassinatos, do escândalo de Watergate, da consciência de que os Estados Unidos, como o país mais rico do mundo e que contam apenas com 6% da população mundial, consumiram na década de 60, 40% de seus recursos.

Durante estes anos o Concílio Vaticano II trouxe à Igreja e à Vida Religiosa mudanças de grande alcance. Os tempos pediam experiências e inovações. Os religiosos dos Estados Unidos responderam a este desafio com entusiasmo convocando capítulos, reuniões regionais e multiplicando programas de renovação.

Animados pela esperança de resultados imediatos, adaptaram muitas mudanças sem levar suficientemente em conta a sabedoria da experiência e as implicações a longo prazo de algumas mudanças de direção. Embora talvez não se possam criticar os motivos, muitas coisas que os religiosos fizeram nos anos 60, no campo dos direitos civis, da ação social, da ajuda aos pobres, não estavam bem planejadas e, com o passar do tempo, fracassaram. Estes fracassos e a rapidez dos esforços de renovação deixaram muitos religiosos confusos e desiludidos. Muitas comunidades masculinas hoje parecem estar imóveis ou caminham à deriva.

Também há mostras de vida nova, de vitalidade e de entusiasmo renovados. Muitos religiosos tomaram consciência de que apenas os autênticos valores do evangelho e uma relação pessoal com o Senhor

podem sustentá-los e têm, a todo custo, tentado transformar suas comunidades em verdadeiras comunidades de fé. Dentro da ótica da cultura americana, começam a aparecer os princípios que irão possibilitar uma atitude crítica mostrando que nosso compromisso religioso e nossos votos são muito valiosos como testemunhos anticulturais. Mesmo quando se querem comprometer com os problemas do dia-a-dia, os religiosos norte-americanos selecionam, com mais cuidado, os objetivos desta sociedade secularizada, que são dignos de uma busca. O entusiasmo global da década de 60 pela teologia da morte de Deus, pela moral relativista, geraram ceticismo pelas soluções técnicas ou da moda e muita reflexão acerca do compromisso apostólico. Espera-se poder enfrentar as exigências de nossos dias, com pleno êxito, se cada comunidade procurar pôr em prática seu carisma particular, os altos ideais de seus fundadores e os positivos valores de que goza a sociedade norte-americana.

Estas diversas categorias que acabamos de enumerar formarão a base de nossa reflexão.

O r a ç ã o

Muitos religiosos, sobretudo os mais jovens e os que exercem atividades de âmbito social, experimentam hoje a necessidade de descobrir as verdadeiras raízes de uma espiritualidade mais profunda. Como perderam quase tudo o mais, os religiosos estão centrando sua

vida mais conscientemente em Jesus Cristo. Não é um fenômeno universal, mas existem importantes sinais positivos de um maior entendimento do que seja oração. Os exercícios não estão sujeitos a um horário fixo como em outros tempos, mas há uma tendência para a oração compartilhada e o discernimento comunitário, como ainda uma ênfase renovada pela oração solitária. Há uma consciência mais clara de que o Senhor deve ser procurado dentro de si mesmo e no ministério no meio do povo. Passa-se de um evangelho social a um evangelho total. De acordo com este movimento, o papel mais importante que os religiosos podem exercer na Igreja é o de ser homens unidos a Deus e ao transcendental, homens espirituais em profunda comunhão com Deus e com seus semelhantes.

Há mais interesse pela vida contemplativa onde se observa certa influência dos exercícios físicos e mentais do ascetismo oriental. Embora seja certo que, em geral, há menor número de vocações, algumas comunidades contemplativas, no entanto, estão atraindo numerosas vocações. Há maior interesse pelos retiros dirigidos, pela oração espontânea, pelo movimento carismático, pela frequência às Casas de Oração e pela oração na comunidade dos cristãos. Estas atividades não são uma fuga do mundo mas uma ajuda vital à pregação da mensagem do evangelho e à vida num mundo que necessita de urgente e autêntico testemunho de salvação. Em suma, os religiosos dos Estados Unidos exploram e investigam. A acomodação não é meta final.

A vida intelectual

A maneira tradicional de estudar a teologia proporciona uma unidade e uma síntese de pensamento, mas com freqüência forma inteligências acríticas, sem entusiasmo para continuar lendo e estudando livros sérios ou para manter-se em dia com os campos da cultura religiosa e profissional. Sem dúvida, o método pragmático e experimental destes últimos anos nem sempre demonstrou muita profundidade. Muitos jovens de hoje, nutridos por uma cultura sensorial, desenvolvem atitudes críticas, mas isto não significa que pensem criticamente nem que se dedicam à vida intelectual.

Os fatores positivos parecem ser estes: Os Estados Unidos desenvolvem uma teologia própria e estão aprendendo também com os teólogos do Terceiro Mundo, pois antes de 1960, os estudos teológicos dos Estados Unidos eram, na sua maioria, importados e baseados na cultura européia. Torna-se cada dia mais popular um método teológico que ajuda os estudantes a fazer teologia sobre suas experiências e seu apostolado. Conforme vão relacionando a vida atual e a vida apostólica, se descobre um novo entusiasmo entre os religiosos de todas as idades e se sente a necessidade de renovação teológica e de manter-se em dia com as disciplinas. Em todo o país se desenvolvem programas de educação continuada e permanente.

Por último: estabeleceram-se residências e centros de estudo de teologia nas grandes cidades ecumênicas, tais como: Boston, Chicago, San Francisco, Washington.

A comunidade

A par de uma maior necessidade de oração, os religiosos norte-americanos entendem que necessitam compartilhar suas convicções e suas crenças com a comunidade. É claro que, para grande número deles, esta tarefa é demasiadamente difícil. Talvez possa se atribuir esta dificuldade e esta reticência à confusão dos anos recentes que levantaram dolorosas perguntas sobre a fé; ao novo vocabulário teológico; ao programa de formação dos seminários que não promoveram as experiências espirituais pessoais. Talvez também o número, cada vez menor de religiosos jovens e a idade avançada de muitas comunidades, contribuíram também para esta dificuldade. Mas a celebração da eucaristia em ocasiões especiais oferece a todas as idades uma oportunidade para participar com mais liberdade em reflexões compartilhadas e em oração espontânea. Com mais freqüência se encontram sinais de nova liberdade na participação de valores baseados na fé.

Conforme o maior ou menor esforço de renovação das comunidades na década de 60, a visão personalista dominante enfatizou o desenvolvimento integral da pessoa como um dos fins mais importantes da vida da comunidade e resultou a formação de comunidades pequenas que satisfazem mais facilmente às necessidades pessoais de seus membros.

Em geral, as comunidades que se basearam na compatibilidade humana em lugar de aderir aos valores específicos da vida religiosa, duraram pouco. Por outro lado, aquelas

que se solidificaram na experiência de uma fé compartilhada e num enfoque comum do ministério tiveram mais êxito e hoje têm uma direção a seguir.

Um estudo de Pequenas Comunidades, patrocinado pela Conferência dos Superiores Maiores de Religiosos, indica que o número ideal de pessoas numa comunidade religiosa é de cinco a nove com representação de várias idades. O fator mais importante na elaboração de uma vida em comunidade é a habilidade e a vontade de dialogar sobre os valores. Alguns religiosos em idade madura e outros em idade avançada, com razão, indicam que não querem participar de comunidades pequenas porque a intimidade a que leva o diálogo é demasiada e se revela ameaçadora.

Os votos

Embora a dedicação, o compromisso, a pobreza, o celibato, a obediência sejam temas discutidos e debatidos pelos religiosos dos Estados Unidos, os votos em si são assunto de raro debate. Talvez a razão seja que os votos se institucionalizaram de tal forma que perderam o poder profético para mover o indivíduo, a comunidade e a sociedade, em geral. É difícil descobrir uma relação direta entre os votos canônicos e um compromisso pessoal profundo.

Discute-se muito, entretanto, os aspectos contra-culturais dos votos, especialmente quando em conexão com o voto de pobreza. A história prova que a maioria das comunidades religiosas foram fundadas por

homens muito unidos a Deus a quem foi revelada a necessidade de contrastar as tendências predominantes na sociedade e na Igreja. Este ponto-de-vista não está claro para os religiosos norte-americanos. Em geral, poucas vezes se opuseram aos falsos deuses e aos falsos valores ocidentais e da cultura norte-americana. Neste assunto, pode-se afirmar que não alcançaram os níveis de um Gandhi ou de um Nyerere.

Talvez os religiosos dos Estados Unidos estejam começando a descobrir que o significado dos votos se perde a não ser que se viva numa comunidade cujos membros unidos tratem de, concretamente, se opor aos elementos desumanizantes da sociedade. O contato com teólogos latino-americanos e o exemplo dos religiosos interessados em movimentos pela paz e pela justiça podem ter contribuído para esta maneira de pensar.

Descendentes que são de antepassados imigrantes conformistas, os religiosos norte-americanos tendem a alhear-se da controvérsia e da polarização que geralmente são resultados de viver os votos profeticamente. Dão demasiada importância tratar de obter uma conciliação puramente humanística de diferentes pontos-de-vista; são demasiado abertos ao pluralismo; são exagerados em respeitar pontos-de-vista diferentes. Parecem estar à escuta de um novo chamado. Na reunião anual de 1974, em Chicago, os Delegados à Conferência dos Superiores Maiores dos Religiosos lutaram em busca de uma reconciliação baseada mais nos valores evangélicos; em busca de um convenci-

mento de que a polêmica tem valores positivos e em busca do exercício de um ministério de serviço crítico dentro e fora da comunidade religiosa.

Um comentário a mais a respeito dos votos: alguns jovens religiosos norte-americanos estão dando mais importância a um compromisso total de sua vida e trabalho imediatos do que à idéia tradicional da perpetuidade dos votos. Perguntam-se as mudanças constantes e o "choque com o futuro" que caracterizam nossos tempos não trazem para a mesa de debate a necessidade e a possibilidade de um compromisso permanente.

A pobreza

Até a pouco, muitos religiosos dos Estados Unidos viam o voto de pobreza como uma virtude a praticar, sujeita a um sistema de permissões e de proibições. Muitos religiosos não consideram absolutamente que viver no nível da classe média norte-americana contemporânea seja incompatível com o voto de pobreza.

Por outro lado, apesar do voto, muitos religiosos compreendem que realmente não são pobres. Seu estilo de vida é o estilo de vida da classe média, são proprietários de muitos terrenos e edifícios e a imagem que projetam é de segurança institucional e de riqueza. Embora falem a miúdo da corrupção da sociedade de consumo, poucos parecem rechaçá-la. E ademais, cada vez mais se conscientizam da dificuldade ou da impossibilidade que é compartilhar a falta de segurança

daqueles cuja esperança de sair da pobreza é extremamente frágil. Diminuiu o desejo dos jovens religiosos de viver entre os pobres desde que começaram a duvidar que sua presença entre eles fosse mesmo símbolo de interesse e de solidariedade.

Também alguns religiosos norte-americanos dizem que não podem mais falar de pobreza e viver de tal modo que é patente o contraste entre a vida deles e a vida de muitos de seus concidadãos e da maioria das pessoas de outras partes do mundo. Estão se esforçando para ouvir, entender e viver as bem-aventuranças:

"Bem-aventurados vós que sois pobres porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós que agora tendes fome, sereis fartos. Bem-aventurados vós que agora chorais, porque vos alegrareis. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos expulsarem, vos ultrajarem e quando repelirem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu. Era assim que os pais deles tratavam os profetas" Lc 6, 20-23.

Os religiosos desejam abrir suas portas e ser responsáveis pelo uso dos recursos materiais, porém, temem enormemente ser despojados de seus bens e ter suas posses materiais reduzidas. Alguns religiosos estão sinceramente tentando usar seus recursos da melhor forma apostólica e se abster do espírito de acumulação da sociedade de consumo. Algumas comunidades gozam de uma nova vitalidade depois que

se despojaram de suas instituições. Encontraram nova liberdade e flexibilidade para trabalhar num maior número de ministérios.

Também tomaram consciência que as comunidades que possuem ações em várias companhias podem influenciar as decisões de importantes corporações por meio do voto, especialmente quando afetam os pobres e os oprimidos. Isto convenceu a alguns religiosos a respeito de seus recursos. Eles podem ser usados para conscientizar as pessoas responsáveis pelas estruturas políticas e institucionais da sociedade.

Castidade e celibato

O personalismo que imperou nos últimos anos levou muitos religiosos nos Estados Unidos a buscar mais ajuda na comunidade, a situar o relacionamento entre pessoas num nível mais profundo de afetividade e a valorizar o desenvolvimento psico-sexual. Estes são fatores positivos em termos de crescimento da pessoa. Pedem, porém, precaução para evitar que o desejo de realização pessoal atinja apenas um nível intraterreno que afeta a vocação à vida religiosa como tal. É urgente assegurar que a realização pessoal esteja integralmente unida ao trabalho comunitário que implica o apostolado.

Escreveu-se muito nos últimos anos a respeito do relacionamento entre as pessoas, da dimensão de amizade entre homens e mulheres. Enquanto no passado toda relação de amizade era considerada um perigo para a castidade, em nossos dias pensa-se que um relacionamento

pessoal, sério e profundo com pessoas do sexo feminino pode ser compatível com o voto e o celibato. Isto se tornou mais freqüente entre homens e mulheres chamados a trabalhar num ministério comum. Em consequência os religiosos se sentem também com mais liberdade para tratar este tema. Exigem-se, é claro, grande prudência e discernimento para decisões nesta ordem.

Um corolário importante é a atitude dos religiosos norte-americanos como respeito ao movimento de libertação da mulher no mundo e especialmente dentro da Igreja. A maioria dos religiosos opina que se fez muito pouco para apoiar e entender este movimento. As relações entre religiosos e religiosas caracterizam-se ainda por uma separação e concorrência não desejáveis.

Em suma, a castidade e o celibato continuam sendo elementos importantes do compromisso e da atitude profética por parte dos religiosos. Existe, porém, um novo sentido de liberdade e abertura para um relacionamento que serve ao apostolado e ao desenvolvimento pessoal e comunitário.

Obediência e liderança

Nos últimos anos, a liderança dos religiosos dos Estados Unidos sentiu a influência, talvez excessiva, dos conceitos derivados do processo democrático do país. Embora se espere que os Superiores sejam dados a consultar e a levar em conta o processo, descobre-se com mais clareza que de vez em quando, o

Superior deve fazer valer a sua opinião, especialmente quando se trata de um ponto controvertido. Pode-se temer uma volta ao paternalismo, entretanto, parece que os religiosos se conscientizaram de que contar com posições claras e explícitas é fonte de estabilidade numa cultura que experimenta os efeitos das mudanças rápidas e mal estudadas e que o exercício da autoridade é um componente necessário da liderança.

A liderança religiosa nos Estados Unidos se conformou sem suficiente sentido crítico à cultura administrativa e tecnológica reinante e não prestou suficiente atenção para integrar o desenvolvimento das possibilidades de planejamento com uma visão evangélica clara do significado da vida religiosa. Os valores evangélicos e os planos de administração mais efetivos estão se integrando através de esforços comuns de discernimento, responsabilidade, avaliação e estabelecimento de prioridades para o apostolado. Os líderes religiosos, entretanto, se mantêm firmes em questões realmente apostólicas e estão conscientes da responsabilidade de suscitar a vida espiritual da comunidade e descobrir a melhor maneira pela qual Cristo e seu Espírito podem tornar-se realmente presentes na comunidade.

O ministério

A maioria dos religiosos norteamericanos continuam trabalhando em tarefas nas quais a comunidade religiosa se comprometeu a longo prazo, tais como: escolas, paróquias,

hospitais. Mesmo com o menor número de vocações religiosas, há mais religiosos participando ativamente em novos ministérios. Isto se dá porque se fecharam muitas instituições onde anteriormente tais religiosos estavam empenhados.

Algumas das metas mais recentes são o desenvolvimento de Escritórios para a Justiça e para a Paz, o ministério entre os trabalhadores imigrantes, a obtenção de casas para as famílias pobres e carentes de recursos, os centros catequéticos e de comunicação de massa, os centros de reflexão teológica. Novos esforços tais como, o Centro Cultural México-americano em San Francisco, Texas, ajudam os religiosos a compreender o extraordinário desafio que representa o fato de um quarto dos católicos dos Estados Unidos falar língua espanhola. O ministério ecumênico se exerce nas universidades, como ainda em programas clínicos de educação pastoral e em ministérios especializados que surgem para grupos especiais como: os divorciados, os homossexuais, os velhos e os aposentados. Formaram-se equipes ministeriais tanto em universidades leigas como em religiosas. O trabalho dos cursilhistas, com casais e comunidades carismáticas também constitui um novo desafio ministerial.

Apareceram também novas formas de colaborar com as dioceses e os bispos; de participar do planejamento pastoral. Os religiosos são nomeados para importantes postos diocesanos, como: superintendentes diocesanos de escolas. Por último, um número surpreendente de religiosos nos Estados Unidos

ensina em estabelecimentos de educação superior, trabalha em escritórios e agências oficiais, ou foi escolhido para cargos públicos ou para o trabalho no Conselho Nacional das Igrejas.

Consciência global

O elemento principal que influencia nos religiosos é a cultura da classe média branca dos Estados Unidos. Embora tenham desenvolvido uma consciência internacional mais ampla do que outros grupos dentro da Igreja norte-americana, a maioria dos religiosos tende a ser estreitos de visão, provincianos e interessados em seu pequeno mundo. Por outro lado, estão experimentando que o mundo é uma aldeia global, não apenas naquilo que diz respeito à comunicação, mas ainda em termos de interdependência e de interesses mútuos.

Por isso há sempre quem se interesse por conhecer outras culturas e outros países e também conhecer as culturas e subculturas que prevalecem no próprio país. Existe uma consciência de que uma experiência curta e superficial de outros lugares não é suficiente para sensibilizar a pessoa sobre os comovedores problemas que enfrentam algumas sociedades do Terceiro Mundo. Isto só se aprende por meio de profundas experiências apostólicas tanto no país de origem como fora dele.

Esperanças para o futuro

1. À luz do evangelho, os religiosos continuarão exercitando um espírito crítico em sua avaliação da cultura norte-americana.

2. Os religiosos viverão mais simplesmente em aberto contraste com a mentalidade de uma sociedade de consumo e se identificarão assim com os pobres do mundo.

3. Os religiosos serão mais verdadeiramente contemplativos respondendo aos valores do evangelho e ao carisma de suas comunidades e dependerão menos da cultura nacional.

4. Um maior número de religiosos dos Estados Unidos viverão em Pequenas Comunidades e a maior parte das modalidades de vida institucional que conhecemos desaparecerá completamente.

5. Os jovens que se sentem atraídos à vida religiosa talvez sejam em menor número se comparados com o número do auge das vocações religiosas, mas refletirão um maior compromisso com a comunidade e com o ministério.

6. Se os religiosos dos Estados Unidos entenderem e aceitarem suas diferenças à luz do evangelho, haverá mais polarização.

7. À medida do crescimento dos religiosos numa consciência crítica a respeito da cultura dos Estados Unidos, desenvolver-se-á um novo modo de ver e de apreciar o compromisso e os votos como formas contra-culturais e a vida religiosa como movimento profético.

8. Os religiosos irão se conscientizando de que a formação religiosa é um processo que dura a vida inteira e que incorpora diversas formas e experiências.

9. Os Superiores Religiosos encarnarão um papel profético e reconciliador e falarão sinceramente,

firmemente e com integridade tanto em suas comunidades como para o público em geral.

10. Proclamando os valores do evangelho, os religiosos se farão "loucos por Cristo" e aceitarão ser desentendidos por alguns, odiados por outros e verdadeiramente respeitados por terceiros.

EDUCAÇÃO DA FÉ E SUAS MANIFESTAÇÕES NAS ESCOLAS CATÓLICAS

Ir. Jeanne Marie Tierny, osu

Introdução

O PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO (PPC) para 75/76 incluiu a realização dos PROJETOS 5.1.4 e 5.1.5 "Levantamento sobre a dimensão vocacional da Educação da Fé e reflexão sobre as manifestações desta educação como opção de vida e engajamento na Igreja, nas Escolas Católicas de Segundo Grau" (Documento da CNBB n.º 5 — Ed. Paulinas — pág. 34). Coube à CRB, com a assessoria da AEC do Brasil, a execução dos projetos.

Após as devidas reuniões de preparação optou-se por efetivar-se um questionário junto a algumas Escolas representativas, pelo menos duas em cada Estado, sendo uma da capital outra do interior. A elaboração do questionário foi feita pela Equipe de Coordenação do projeto sendo que o levantamento referente

aos jovens assessorado por alguns deles vindos de três colégios do Rio de Janeiro. Para uma melhor visão do conjunto da realidade da Educação da Fé na Escola, resolveu-se que, além do questionário aos alunos (15 por escolas) houvesse questionário ao Diretor, e a alguns professores (8 por escola).

Uma vez computadas as respostas, a coordenação solicitou aos colégios que participaram da pesquisa, enviassem pelo menos um representante para constituírem um grupo de trabalho. E nos dias 28, 29 e 30 de julho de 1975, 29 pessoas (educadores, leigos, religiosos e sacerdotes) trabalharam no projeto a partir dos dados do levantamento.

No final dos três dias do Encontro, algumas linhas de ação, referentes aos três desafios focalizados

através da pesquisa prévia e da experiência dos participantes, foram apontadas, a saber:

1. Como aprofundar e dar continuidade à educação da fé dos jovens alunos do segundo grau?

2. Como responsabilizar na pastoral dos jovens alunos, os adultos engajados na escola?

3. Como situar a escola católica na Igreja local em função da vocação eclesial dos jovens?

O Encontro proporcionou oportunidade de colocação em comum das experiências significativas até agora realizadas por colégios católicos, num processo de renovação. No encerramento dos trabalhos compareceram e deram seu apoio e sua mensagem, pela CNBB: Pe. Ralphy Mendes de Oliveira, SDB, Assessor de Educação e de Catequese; Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ e Frei Constâncio Nogar, OFM, respectivamente Presidente e Secretário Executivo da CRB e o Irmão Orlando Cunha presidente da AEC.

PRIMEIRA PARTE

Projeto 5.1.4./75: Levantamento da situação das escolas de segundo grau.

Foi solicitado ao Diretor da Escola, assumir a responsabilidade pela coleta dos dados requeridos para o Projeto: Um questionário a ele dirigido; questionários para 8 professores de segundo grau, em amos-

tragem indiscriminada para os jovens alunos, 15 por Escola, de diversas séries, preferencialmente os representantes de turma.

◆ Foram enviados 41 questionários para Diretores. Apenas 29 foram respondidos, numa porcentagem de 70%.

◆ Foram enviados 328 questionários para Professores. Houve 232 respondidos.

◆ Foram enviados 600 questionários para alunos de 40 Escolas. 397 atenderam em 28 Escolas.

A Equipe de Coordenação do Projeto, após tabular e interpretar os resultados, resumiu o essencial aqui transcritos a seguir.

QUESTIONÁRIO AOS DIRETORES

Referência: 70% dos Diretores enviaram sua resposta, ou seja, 29 sobre 41.

Síntese: Os 29 (vinte e nove) Diretores em sua maioria destacam como um dos pontos mais importantes para o processo da Educação da Fé em suas Escolas, a **globalização** de todo o currículo escolar sob o enfoque da fé. Por currículo entendem eles todas as atividades realizadas no Colégio.

Uma porcentagem de 79% dos Diretores declara que suas Escolas possuem um GUIA PEDAGÓGICO, e que neste guia está incluído de modo específico e claro a Educação da Fé. Quanto ao GUIA PEDAGÓGICO aparecem nos relatos dos Diretores os seguintes aspec-

tos: apoio nos Documentos do Concílio, da CNBB, nas orientações do Fundador; preocupação em criar **clima-ambiente** para a formação cristã e em orientar toda a cultura humana para a fé engajada; preocupação pela formação integral do aluno; educar para a responsabilidade e a personalização; encaminhar os alunos para a descoberta de sua vocação como filhos de Deus. Alguns Diretores declararam que o Guia Pedagógico está em vias de elaboração.

Um dos importantes dados do questionário situa-se nos **critérios de admissão do professor**, visto que a maior parte dos colégios está com um professorado leigo muito mais numeroso que o religioso. 66% dos Diretores exigem de seus Educadores **COMPETÊNCIA** não só legal, mas sobretudo de **CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL** como educadores e não apenas como professores. Exigem espírito de equipe, conhecimento e aceitação da filosofia da Escola; idoneidade, boas referências, ética profissional. Os Diretores utilizam de folha-cadastro, cartas de referência e, sobretudo, da entrevista com o candidato a professor em sua Escola.

Com relação aos alunos, as respostas revelam nos diretores uma séria preocupação para que os alunos tenham conhecimento básico e fundamental da fé e uma vivência conseqüente. Todos os Colégios possuem Aulas de Religião mesmo que sob outra denominação e com metodologia diversificada. Em 21 Escolas a aula de Religião é obrigatória; destas, 16 com notas. 27 colégios promovem Encontros de

Formação. Os Encontros de Formação têm tido repercussão muito positiva na Escola, melhorando o relacionamento no grupo, na família, na amizade (20 Escolas); despertando maior consciência e engajamentos apostólicos (4 Escolas). É bom ressaltar que 17 Escolas declaram através de seus diretores que possuem Movimento de Jovens organizados e 6 em organização.

Para atender à Formação cristã dos alunos 26 Diretores revelam que sua Escola tem o Serviço de Orientação (Educação) Religiosa (SOR ou SER) e esclarecem que contam com Professores e Orientadores preparados, muitos com cursos até mesmo fora do país.

QUESTIONÁRIO AOS EDUCADORES

Referência: A 40 Colégios foram enviados 328 questionários para Educadores. 28 Colégios mandaram respostas num total de 232 questionários.

Síntese: A maioria dos Educadores demonstra no questionário que conhecem a Filosofia do Colégio. Resumem esta filosofia mais ou menos assim:

◆ “Educar o adolescente como cristão, conscientizando-o através do estudo e de sua função como agente modificador da sociedade” (60 respostas).

◆ “Educar a pessoa na Fé para a liberdade na responsabilidade” (58 respostas).

◆ “Formação integral e para a vida” (49 respostas).

◆ “Vocação cristã e consciente, cuja Fé é centralizada em Cristo e na vivência comunitária” (39 respostas).

◆ “Conhecimento e compromisso com o Evangelho” (39 respostas).

Alguns Educadores realçam alguns aspectos específicos como: Fidelidade ao carisma do Fundador e do Instituto (7 respostas). Fé como elemento libertador (18 respostas). Vida segundo modelo de Maria (1 resposta).

Os Professores foram convidados a fornecerem dados sobre o relacionamento entre educadores, pois é fundamental na Escola a formação do sentido comunitário. Um número relativamente grande de professores se encontra com colegas para preparação de aulas ou estudo. Reúnem-se, portanto, em função do trabalho (162).

Um outro, não menos numeroso, valoriza a prática de esportes com os colegas e mesmo passeios e viagens (170). Já um grupo bem menor tem o costume de se visitarem mutuamente. Alegam os professores que a sobrecarga não permite uma maior liberdade para reuniões e encontros, menos formais, de amizade (135). Afirma-se, entretanto, que há uma preocupação insistente nas Escolas para um clima comunitário.

Em se tratando de Escolas Católicas, interessava à pesquisa a questão religiosa dos professores. O questionário revela que a quase totalidade dos professores consultados é católica. Alguns cresceram em ambientes propícios (177 respostas);

outros aderiram à fé quando já adultos (63 respostas), e muitos destes atribuem o fato ao terem participado de algum movimento de Igreja. A maioria participa dos atos litúrgicos, principalmente a Celebração Eucarística (139 respostas).

O questionário revela também que essa vivência da fé é bastante individualista, acomodada e tímida. É raro um compromisso concreto em termos de fé, junto aos educandos (28 respostas). Os educadores não se manifestam como crentes e não se preocupam em atuar como tal, mesmo quando as circunstâncias exigem deles uma tomada de posição.

Há um bom número que procura ajudar os jovens dando-lhes orientações, analisando seus problemas, dialogando com eles, promovendo atividades de cunho formativo (139 respostas). Percebe-se também uma viva preocupação apostólica em criar um ambiente comunitário propício à educação da fé.

Importa ressaltar: o questionário foi respondido por professores representando todas as disciplinas; coordenadores de diversas áreas; 16 presbíteros; 17 religiosos; 20 religiosas, o restante leigos.

QUESTIONÁRIO AOS JOVENS

Referência: 600 questionários enviados aos 40 colégios escolhidos, 397 foram respondidos nos 28 colégios.

Síntese: O clima de relacionamento entre alunos e professores e dos alunos entre si, é, na grande maioria, de harmonia e entrosamen-

to: (Bom 274; Tenso 12; Mais ou menos 112.)

◆ **As sugestões** apresentadas pelos alunos são mais acatadas pelos colegas (286); menos pelos professores (224) e menos ainda pela Direção (123).

◆ **As Atividades de Formação** promovidas pelo Colégio são, em regra geral, muito bem aceitas, principalmente os Dias de Encontro (318 alunos afirmam que o Colégio organiza Encontros, dos quais 207 os julgam proveitosos). Algo semelhante acontece com as Celebrações Comunitárias pois 266 respostas afirmam que são bem aceitas.

◆ De 347 respostas de alunos com Aulas de Religião em seus colégios, 203 consideram estas aulas proveitosas e os motivos apresentados na pergunta aberta podem ser assim resumidos: "As aulas fazem refletir". "Elas despertam a vida e para uma realidade cristã". Entretanto 234 deixaram esta pergunta em branco. Isso pode significar falta de interesse pelo assunto, ou incapacidade ou dificuldade de formular sua opinião a respeito. A omissão é muito significativa. Há 44 alunos que assinalam que o interesse pelas aulas de religião "depende do assunto e do professor". Pouquíssimos falaram sobre os aspectos negativos da catequese.

◆ Com relação a **Movimento de Jovens no Colégio** chegaram 306 respostas. Destas 241 afirmam que o Movimento está em organização, 70 dizem que não existe e 65 acham que está paralizado. Estes movimentos, segundo as respostas (253)

despertaram, principalmente para maior entrosamento entre alunos e professores; sentido comunitário; vida cristã mais autêntica.

Um grupo de respostas (33) revela que estes movimentos não são conhecidos, correndo mesmo o perigo de ficarem fechados: "Nunca ouvi falar"; "não participo"; "ainda não participo, mas gostaria"; "nada me despertaram". Estes movimentos são formados por alunos do Colégio mas abertos a outros jovens. As sugestões apresentadas para maior dinamização desses movimentos no tocante à vivência cristã podem se resumir assim: "Maior número de Encontros, de grupos-jovens, de palestras e debates" (364 respostas). "A vivência cristã não me interessa, pois não sou católico" (11 respostas). "Os Encontros não devem ser obrigatórios" (9).

◆ A maioria esmagadora dos que responderam ao questionário declara que acredita em Jesus Cristo, nos vários aspectos propostos no questionário, a saber Filho de Deus (267); Jesus Cristo Homem (377); morto e ressuscitado (363); presente nos sacramentos (341); pedindo respeito e amor aos irmãos (353); convocando-nos para um engajamento na Igreja (306). Este último aspecto deve ser ressaltado devido a índole do projeto 5.1.5 do PPC.

◆ Um dado importante do questionário é a **confiança nos professores**. E 347 alunos responderam que confiam. Os motivos que levam a confiar em todos (137), em alguns (297) enfocam principalmente os aspectos de competência e de valor pessoal. Assim se expressam: "Confiamos naqueles que são aber-

tos ao diálogo”; “naqueles que consideram o aluno como pessoa”. Quanto aos obstáculos para um bom relacionamento de confiança entre alunos e professores 35 revelam a falta de segurança, competência e certas atitudes um tanto de superioridade e distanciamento dos professores. Há 56 respostas afirmando o seguinte: “como professores, confiamos; como amigos, não”.

◆ A maioria dos alunos afirmam no questionário que exercem muitas de suas atividades, em equipe. Assim, por exemplo: estudo em equipe (346) em casa de colegas ou voltando à escola; passeio em grupo (250) tanto organizados pelo colégio como pelos ex-alunos; algo semelhante acontece com a prática dos esportes em equipe, no colégio (262) e fora do colégio (181). Há um bom número que responderam pela negativa, o que não apresenta maior gravidade em confronto com as respostas afirmativas.

A pergunta final do questionário dava margem ao jovem de acrescentar algo de pessoal. As respostas apresentam opiniões as mais variadas e de valores bastante desiguais. Entretanto é conveniente ressaltar algumas que foram condensadas em três categorias:

a) Quanto ao questionário: 33 agradecem a chance de respondê-lo e pedem para que não fique só no papel.

b) Constatações: 99 respostas declaram que o Colégio está fazendo o que pode e que o resultado depende é do aluno. 18 respostas são de críticas aos professores e com outras opiniões inclusive sobre a

posição da CNBB com relação ao divórcio.

c) Votos e desejos: Os alunos, enfeixados em 80 respostas, desejam maior relacionamento entre alunos e professores e diretores. Sugerem encontros, passeios, esportes. . . Desejam também aulas de religião no 2.º grau e que as aulas sejam mais práticas.

SEGUNDA PARTE

Projeto 5.1.5/75-76: Como aprofundar e dar continuidade à Educação da Fé dos jovens do 2.º grau?

Referência: 29 representantes dos 28 colégios que responderam às solicitações para o Projeto reuniram-se no Rio nos dias 28 a 30 de julho. Após tomarem conhecimento dos resultados da pesquisa e levando-os em consideração elaboraram algumas pistas de ação, enfeixando-as em três grandes desafios.

I

Como aprofundar e dar continuidade à educação da fé dos jovens de 2.º grau?

1. **Pressuposto.** Os resultados dos questionários fazem partir do seguinte pressuposto: a Escola Católica já está procurando oferecer condições para que o jovem: a) viva uma experiência de Deus revelado em Jesus Cristo; b) assuma uma resposta-opção-de-vida cada vez mais consciente e generosa.

2. **Aprofundamento.** O que se requer é, portanto, continuidade, não só durante todo o segundo grau, mas e sobretudo ao terminá-lo. Continuidade e aprofundamento pois, a Fé implica relacionamento pessoal, metanóico, crescente do homem com Deus com repercussão de transformação no relacionamento com a humanidade e o mundo. Implica, portanto, numa abertura dialógica constante à ação de Deus e num estudo e atuação na realidade social histórica à luz da referência a Deus. Implica ainda convivência, pois a educação da fé é também um processo interpessoal de mediação humana, através da pregação, do testemunho e da comunhão.

3. **Como aprofundar.** Partir da própria vida do jovem e do seu contexto, permitindo que ele mesmo descubra seu próprio modo de viver a fé. Criar condições dentro da escola para isso:

a) Oferecendo possibilidades de um processo de integração pessoal e comunitária, através da formação para a liberdade responsável, fidelidade, autenticidade, solidariedade e para uma definição de vida. Isto supõe: autoconhecimento, abertura e respeito ao outro, senso crítico, comunhão vivida na fraternidade-serviço, pois tudo isso encaminha para uma opção de vida.

b) Oferecendo oportunidade para experiência específica de Deus (grupos de oração, sacramentos bem celebrados, encontros, retiros, etc.).

c) Oferecendo oportunidade de estudo sobre a fé para um embasamento doutrinal (cursos, aulas, palestras, leituras, consultas, pesquisas...).

d) Oferecendo oportunidade de engajamento social em nome da fé: comprometer-se em movimentos de promoção humana já existentes na sociedade local.

e) Oferecendo possibilidade de um Compromisso Eclesial dentro da comunidade local: C.E.B., Movimentos Juvenis...

4. **Continuidade.** É fundamental, para uma continuidade, educar de tal maneira para o essencial (adesão pessoal a Jesus Cristo na Igreja) que as futuras mudanças psicológicas e sociais não venham a abalar esta fé. O Colégio, durante o Segundo Grau, através da criação e animação de Grupos de Vivência, procurará despertar tal necessidade de apoio espiritual e compromisso apostólico que impulsione o jovem ao sair do Colégio a: engajar-se em Grupos similares para sua faixa etária; engajar-se como animador, em atividades apostólicas junto a grupos de jovens de menor faixa etária, em colégios, paróquias, etc.

II

Como responsabilizar na Pastoral do 2.º grau os adultos engajados na escola?

1. **Pressuposto.** Antes de mais nada é preciso assinalar que: Para responsabilizar é preciso conscientizar. **Por adultos engajados na**

Escola entende-se especialmente: pais, professores e funcionários; já se supõe a existência na Escola de uma Pastoral de Jovens de 2.º Grau, pelo visto nos questionários.

2. Conscientização. Para professores, funcionários e pais:

◆ Aproveitar o momento da admissão do professor e do funcionário, bem como da presença dos pais por ocasião da matrícula, para o **início** de um processo de evangelização: entrevista, contato com a filosofia da escola, cadastro, compromisso na participação de seminários, reuniões, etc.

◆ Oferecer cursos de Reciclagem Religiosa, retiros, reflexões, palestras, dias de formação, etc.

◆ Incluir no boletim ou circular mensal (para pais, professores e funcionários) mensagens evangélicas e tópicos de documentos da Igreja.

◆ Oferecer horários recreativos a funcionários para maior permanência na Escola.

◆ Utilizar as datas comemorativas do calendário escolar para evangelização dos adultos.

◆ Comprometer todos os setores do colégio — de modo especial o SOE — a realizar um trabalho de conscientização mais globalizado em vista da evangelização.

Para Professores:

◆ Aproveitar todas as atividades docentes para vivenciar alguma mensagem evangélica e pastoral (reuniões pedagógicas, conselhos de classe...).

◆ Sugere-se a formação de Equipes Docentes como fermento para a conscientização e alimentação espiritual dos professores.

Para Funcionários:

◆ Valorizar o máximo a pessoa e a função do funcionário; conscientizá-lo de sua missão educativa na escola: direta no trabalho com o aluno e indireta, no desempenho de sua função; dar-lhe condições para que ele se aperfeiçoe tanto no relacionamento humano, como no exercício eficiente de sua função.

Para os Pais:

Criar ou dinamizar no decorrer da permanência do aluno na Escola, meios de evangelização dos pais como por exemplo: reuniões, retiros, Associação de Pais e Mestres, encaminhá-los para Movimentos de Igreja e certo compromisso dos pais na catequese dos filhos.

3. Corresponsabilidade

◆ Nos órgãos de decisão, na medida do possível, haja participação dos pais, professores e funcionários.

◆ A Equipe de Pastoral se preocupe em descobrir lideranças entre pais, professores e funcionários, comprometendo-os no processo educativo da fé, segundo sua função específica na Escola.

◆ Pais e Professores participem na preparação e realização de Encontros de Jovens, retiros, manhãs de formação...

◆ A Direção se esforce por comprometer pais, professores e funcionários em todo o processo educati-

vo através da participação dos mesmos na elaboração, execução e revisão do planejamento escolar.

Constata-se que a condição e garantia de um compromisso efetivo na Pastoral de Juventude na Escola é o clima envolvente de justiça, amizade e alegria reinante na mesma. Envidem-se, portanto, todos os esforços para criar e dinamizar este clima.

Projeto 5.1.5/75:

Como situar a Escola Católica na Igreja local em função da vocação eclesial dos jovens?

1. Pressupostos

1.1 — Entende-se aqui por Igreja Local uma porção do Povo de Deus guiado por um determinado Bispo ou Vigário Episcopal, como expressão da Igreja Universal naquela realidade, tornando-se aí presente.

1.2 — Por vocação eclesial entende-se o “assumir o batismo” na linha de serviço numa missão específica no povo de Deus, correspondendo-se com a hierarquia pela missão profética e a sensibilidade pastoral.

2. Como situar

2.1 — Em primeiro lugar se a obra é dirigida por uma Ordem ou Congregação Religiosa, não diretamente subordinada ao Bispo, deverá haver uma inserção dessa Comunidade na Pastoral local como força integradora.

2.2 — Essa inserção supõe, antes de mais nada, uma contínua comunicação ao Bispo local, das realizações e projetos da Escola. Os Colégios das grandes cidades estejam alerta para uma maior preocupação nessa inserção, devido à dificuldade característica dos grandes centros urbanos.

2.3 — A Comunicação deve processar-se não só na linha de colégio para com a Hierarquia local, mas também de colégio para colégio, procurando uma intercomplementariedade pastoral, com vinculação na Pastoral da Diocese. Sugere-se mesmo que a AEC, como já vem acontecendo em algumas Regionais, assumam essa tarefa de integração.

2.4 — Os Colégios Católicos devem organizar de tal maneira a Pastoral Sacramental interna (preparação para a Eucaristia, Penitência e Confirmação) que os alunos se sintam comprometidos com a Paróquia.

2.5 — Os colégios católicos devem sensibilizar os alunos mais conscientes a que assumam a pastoral sacramental da juventude nas Paróquias (além de seus colégios).

3. Como despertar a Vocação Eclesial

3.1 — Fazer dos Colégios Católicos centros irradiadores de Pastoral de Juventude, através de organização de Grupos e Movimentos juvenis abertos aos de fora, e que sirvam como apoio para os alunos que terminam o segundo grau. Para isso procurar formar adultos leigos engajados e esclarecidos para darem continuidade a estes grupos.

3.2 — Realçar em todo o sistema educacional a importância da pessoa do outro, especialmente dos menos privilegiados, como presenças vivas do Cristo.

3.3 — Incentivar toda iniciativa comunitária e criativa dos alunos, a fim de dinamizá-los para um sadio convívio e abertura social.

3.4 — Procurar dar critérios aos alunos, através de toda a programação curricular e atividades formativas, na linha do “ser pessoa para os outros” e não “indivíduo máquina de lucro e rendimentos”.

3.5 — É a ESPERANÇA na potencialidade do jovem e na força de Deus que deve ser a mola mestra de todo o trabalho apostólico nos Colégios, sempre certos de que um dia uns tantos antigos-alunos serão capazes de ser TRANSFORMADORES DA SOCIEDADE à luz do Evangelho.

TERCEIRA PARTE

COMPLEMENTAÇÕES DA EQUIPE DE COORDENAÇÃO

Pressuposto: Todo ser humano é chamado:

◆ A ser pessoa consciente, livre, responsável numa constante busca ativa de sua harmonização pessoal, polarizada pelo ideal de ser feliz.

◆ A viver em comunhão fraterna com os demais seres humanos no amor, na justiça, na paz e no serviço de colaboração mútua.

◆ A construir um meio ambiente paradisíaco neste mundo com os recursos da natureza trabalhados por sua inteligência em prol do homem.

◆ A viver a comunhão existencial com Deus, Pai, Amor, Bondade a partir da experiência pessoal e comunitária de Deus, em Jesus Cristo, na força do Espírito, mediante a Igreja.

Esse **chamado** é aqui compreendido em termos de fé, como parte integrante e essencial do Plano de Deus que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao perfeito conhecimento da verdade” (1 Tim 2,4).

Síntese

O objetivo tão amplo do Projeto 5.1.5 do PPC 75/76 não foi totalmente atingido com a pesquisa e com a reflexão do grupo de trabalho nem poderia ser. Foi uma primeira etapa muito válida que exige posterior trabalho de maior profundidade. Para a especificidade da “dimensão vocacional” é necessário basicamente ter uma visão da realidade da “educação da fé” no Segundo Grau das Escolas Católicas. E o trabalho feito dá uma visão inicial desta Educação da fé. A partir do levantamento e da reflexão do Grupo de Trabalho a Coordenação do Projeto sugere:

1. Que os Agentes de Pastoral e os Educadores cristãos assumam a auto e hétero-conscientização sobre a “dimensão vocacional” implícita

em toda autêntica Educação da Fé, mas também saibam que o processo da Educação da Fé exige explicitações dessa dimensão vocacional.

2. Que, em se tratando de Escola de Segundo Grau, portanto, numa faixa de busca mais consciente e proposital de fundamentação para opções, entre as quais, a profissional, sejam envidados esforços globalizantes para fundamentar também opções de nível vocacional dentro da vivência da fé.

3. Que os jovens alunos sejam colocados em contato vivencial com adultos e jovens que na alegria da

fé assumiram opção consciente, esclarecida e generosa por Cristo seja no laicato, na vida religiosa ou sacerdotal, pois a dimensão vocacional da Educação da Fé requer o apoio do testemunho de vida-serviço.

4. Que se alie a todo um trabalho de criação e animação de clima evangélico na Escola, de engajamento do jovem em processos de crescimento e amadurecimento na fé, uma profunda e dinâmica oração, pois o próprio Senhor Jesus pediu que orasse ao dizer "pedi ao Senhor da Messe que mande operários!"

CAROS

IRMÃOZINHOS

(Carta do Irmão René aos Irmãozinhos de Jesus)

Encontro-me sozinho neste momento em Roma e, com a greve dos Correios e Telégrafos que continua na França, tenho um pouco a sensação do isolamento. Ulrik está em Buenos Aires onde, conforme Vocês sabem, Gérard Guiet está gravemente enfermo. Ele superou muito bem uma operação da coluna vertebral, mas quando ia sair do hospital viu-se atingido de hemiplegia (paralisia do lado esquerdo), depois os pulmões mostraram sintomas de infecção, em seguida o fígado e agora ele teria também uma flebite. Pensam que ele foi atingido por uma septicemia (envenenamento do sangue) mas o vírus não parece vulnerável aos antibióticos, pois está sempre com febre muito alta. Sua irmã Ana, que se casou com o Dr. Paillasseau, está junto dele há um mês. Esta noite tentarei comunicar-me com Ulrik por telefone. Diante de tudo isso a gente tem de ficar ansioso.

Pierre foi visitar por um mês Jean Leroy e Paul Delpuech. Quanto a Jean-François, estava na Espanha para a reunião regional dos irmãos. Aguardo o seu regresso, mas temo que as greves dos trens o façam atrasar-se.

Não sei quando esta carta chegará até Vocês. No entanto tenho uma porção de coisas a lhes dizer. Primeiramente peço perdão aos irmãos da Índia porque ainda não falei de minha estadia junto deles e, ao fim de um ano, é evidente que as notícias não sejam mais atuais. A bem dizer, tenho cada vez maior dificuldade em falar dos países por onde passo. Francamente, prefiro que falem os irmãos que neles vivem porque é difícil não levar certa ótica consigo mesmo. E é a própria ótica do lugar que devemos acima de tudo conhecer e compreender.

Contentar-me-ei então de falar dos irmãos. Nossas fraternidades na Índia são incipientes e frágeis. Frágeis porque não somos assim tão numerosos, logo, sem substitutos; porque, com exceção de Mani, nós lá estamos na qualidade de hóspedes que não têm necessariamente residência permanente. Nossa saúde não é à toda prova e muitos acontecimentos podem, de modo inesperado, perturbar nossa vida. Assim, durante os últimos meses, diversos irmãos ficaram doentes um após outro: Giuseppe Marinoni em Pondicherry (hepatite); Michel Sainte Beuve (fadiga e impaludismo); John (úlceras no estômago). É o clima, sem dúvida, mas é também, e sobretudo, a consequência de um regime habitual de vida completamente diferente daquele que conhecemos nos países privilegiados. Chamo a atenção para esses detalhes porque os irmãos pouco falam deles. Eu os compreendo porque quem sentiria vontade de se lamentar dessas pequenas misérias quando há tantos mais infelizes à nossa volta? Contudo, isto deveria nos ajudar a tomar consciência de que a desigualdade dos níveis de vida entre os países do mundo atual não é apenas uma questão de estatísticas a comparar, mas se inscreve em realidades de ordem humana, física, psicológica, social, etc. . . tornando-se trágica.

Não faltam, porém, aos irmãos a coragem e o desejo de ir avante. Devemos almejar com eles a chegada de irmãos indianos. E para que isso aconteça é preciso estar alerta, em espírito de acolhida e também dispostos a encontrá-los. Os irmãos na Índia são sensíveis ao problema mas eu o relembro aqui pensando no conjunto das fraternidades. Acontece com efeito que temos agora, vindos de diversas partes, certo número de postulantes. Somos levados a refletir: somos bastante abertos, bastante acolhedores para ajudá-los a responder efetivamente ao que Deus lhes pede, sem lhes impor a priori um ritmo, condições de vida e mesmo idéias que poderiam ser muito dependentes do nosso temperamento, de nosso modo de ver ou de um contexto muito particular? É preciso tomar consciência, creio eu, que, além de sua inserção neste ou naquele ambiente, nossas fraternidades são iniciadoras de uma vida que não pertence só a nós e para a qual outros são chamados. A Fraternidade não é um clube privado cujo único objetivo seria o bem pessoal de seus membros. Por ela deve ser transmitida uma vida que não é propriedade nossa mas vem de Deus e que, além de nós, diz respeito ao mundo e aos homens de hoje.

A Igreja não é um povo a mais

Se lhes proponho este assunto hoje, é porque minhas convicções sobre ele são cada vez mais fortes e gostaria de participá-las a Vocês. Vivemos, é certo, num tempo de crise que afeta o mundo inteiro e a reviravolta dos acontecimentos, das idéias, das transformações e perturbações que se dá, deixa-nos por vezes desamparados. Entretanto, penso que

ninguém deve se deixar impressionar somente pelos elementos negativos desta crise, por mais provocadores que se tornem cada dia. Algo de novo se manifesta também nos tateamentos, insucessos, abusos e erros. Entre outras coisas, parece que a maioria dos povos do mundo tomam hoje uma consciência nova do que eles são, do seu ser, de sua existência como povos e de sua responsabilidade na evolução e marcha do mundo. Digamos que o fenômeno é ainda informe e se exprime, às vezes, na confusão, mas há provavelmente nele o esboço de um elemento de valor que, se se confirmasse, poderia constituir um progresso humano real e importante. Desculpem-me o caráter um tanto esquemático de minha reflexão, pois não tenho tempo para desenvolvê-la.

O que me espanta é que ao mesmo tempo a Igreja, durante o Concílio, falou de si mesma como "Povo de Deus". Houve quem perguntasse a princípio se isso fosse algo assim tão novo. De um ponto de vista teórico e considerando apenas a fórmula, eu não o creio. De outra parte, quando a gente presta atenção a esse aspecto de sua existência, este a que a Igreja dá um tal relevo nesse momento preciso da história, penso que se trata de um acontecimento rico de significação. A Igreja se vê como povo e Povo de Deus, não como se sentisse chamada a constituir um povo a mais, a se acrescentar aos outros, mas enquanto é formada por este povo mesmo de homens no seu conjunto todo e sem excluir ninguém, enquanto povo amado por Deus e por Ele convocado para um encontro vivo e existencial.

Como conciliar: Vida do Povo e Vida Religiosa?

Se acreditamos que o Espírito Santo é mesmo Aquele que anima, vivifica e dirige a Igreja, torna-se difícil ver aí uma simples coincidência. Seja como for, há nisso alguma coisa que me impressiona e parece apta a nos fazer compreender melhor, a nós e aos homens de hoje, com que amor Deus nos ama! Não tenhamos medo de afirmar esse caráter popular da vida da Igreja pois que ele nos leva a atingir uma realidade evangélica que dificilmente aceitamos, em que não ousamos acreditar: é que Deus nos ama, a todos e a cada um de nós, simplesmente porque somos homens e não a partir de nossos méritos, de nossas virtudes ou porque pertencêssemos à uma elite capaz de atrair sua atenção.

Esta é a verdade que Deus se esmerou, poderíamos dizer, se obstinou, em querer fazer-nos entender no decorrer da História santa, chamando regularmente homens que, humanamente falando, ninguém teria chamado. Recordemo-nos da escolha de Davi e dos profetas. "Eu só sei dizer: a, a, a" — admitia Jeremias. E também a escolha que Jesus faz de seus apóstolos. E quantas vezes Ele nos repete que, sem excluir ninguém, não foi para os justos, nem para os sábios, nem para os ricos que Ele veio

mas para os pobres e os pecadores. Percebemos bem através dessa atitude permanente que se Deus tem preferências entre nós, será para os mais fracos e mais desprovidos. As Bem-aventuranças o proclamam solenemente. Mas, ousamos nós acreditar nesta revelação que Deus faz de si mesmo e que Ele nos ama porque nós somos o que somos e não pelo que teríamos querido ou podido ser?

Ora, particularmente a nós isto nos diz respeito, a nós Irmãozinhos. Com efeito, nossa Fraternidade nasceu também nesta época da vida da Igreja e do mundo. Às vezes nós nos interrogamos porque Deus a suscitou agora e não em um outro momento. Respondemo-nos que isso era um segredo Dele, o que é certo. Entretanto, não nos seria permitido vislumbrar que esta iniciativa poderia ter seu lugar em tudo o que o Espírito Santo suscita agora na Igreja e no mundo de hoje? Nós nos sentimos chamados à uma vida religiosa toda consagrada a Deus, contanto que seja também uma vida de pobres entre os pobres. A vida de Nazaré foi uma luz para nós. No fundo, porém, o que é tudo isto senão uma vida religiosa de homens do povo, no meio do povo, uma vida religiosa de "pessoas das ruas", diria Madeleine Delbrêl. Como gostaria de insistir hoje que aceitássemos de todo o coração esse desafio evangélico de uma vida religiosa total, perfeita, dentro do contexto mais comum da vida do povo e dos povos de hoje, sejam quais forem, na diversidade de situações que envolvem esse contexto.

Falo em desafio porque a atitude de Deus em relação a nós choca-se contra a maneira mundana de ver as coisas e as pessoas que facilmente adotamos quase sem perceber. Daí, perguntarmos a nós mesmos se é realmente possível conciliar duas realidades tão diferentes como vida do povo e vida religiosa — e a vida contemplativa a fortiori — como se, o que é do povo, não devesse ser mais ou menos desvalorizado ou menosprezado afinal. Acaso já nos perguntamos se nosso trabalho e nossas condições de vida, etc. não criam obstáculos à uma vida contemplativa sempre condicionada a condições incompatíveis com a vida do povo?

O apelo de Deus exige resposta

É bastante normal que tenhamos nos questionado a esse respeito devido àquilo que somos e às nossas fraquezas, por amor à verdade. Mas prestemos atenção para não nos tornarmos prisioneiros de nós mesmos, obcecados por nossas capacidades e incapacidades, a ponto de esquecer e desconhecer uma outra face da realidade que depende de Deus e não mais de nós, que se baseia no que Ele é e no amor com que nos ama. Isto poderia então significar que não chegamos lá ainda, que nós não O conhecemos como Ele é, nem acreditamos bastante no seu amor. Os homens que Deus ama são os mesmos com que cruzamos hoje na rua, no supermercado, aqueles que trabalham conosco nos canteiros de obras,

na fábrica, com suas dores e alegrias, suas qualidades e defeitos, aos quais Deus chama a Si, não até certo ponto ou medida, mas chama a serem perfeitos como Ele mesmo o é, porque seu amor por eles é sem limites.

Ora, aí está um dos pontos-chaves de toda vida contemplativa: conhecer a Deus e a seu amor, compreender que Deus não é muito sensível às grandezas da carne e que, embora Senhor e Mestre do Universo, não se enrubeceu ao se mostrar sob os traços de um homem humilde e simples quando veio até nós para nos abrir o seu coração e nos dar a sua vida. Diante Dele não temos porque nos envergonhar de nossa pobreza de homem e da humildade de nossa condição. Ele não encontrou em nós obstáculo ou inaptidão ao seu amor. Eis o fundamento da pobreza evangélica que é uma realidade nobre totalmente contrária à uma resignação humilhante. É a fonte de uma alegria e esperança fundadas na certeza de sermos amados por Alguém que nos conhece bem, nos respeita e quer nossa felicidade mais do que nós mesmos. Alegria e esperança oferecidas a todos para a renovação de cada um e da face da terra.

É aí, Irmãozinhos, que se acha engajada a nossa responsabilidade. O apelo de Deus ao seu povo, ao povo dos homens, não chama ao rebaixamento mas à perfeição e participação de sua vida em plenitude. Hoje mesmo Ele se dirige a todo homem e aos homens todos, partindo da situação na qual eles se encontram. Tal apelo exige uma resposta. Esta, sem dúvida, não nos foi reservada, não pode nascer somente de nós, mas creio que temos uma responsabilidade bem definida nesta resposta.

Insisto em tudo isto porque, para abraçar sem reservas nossas condições de vida, é preciso saber de qual amor somos amados. Se quisermos estar aptos a partilhar de verdade, como irmãos, a vida dos mais abandonados e pobres dos homens, é preciso antes aceitar ser amados por Deus na nossa própria pequenez e nossa própria miséria e encontrar somente Nele a fonte de nossa esperança.

Nenhum grupo pode assumir sozinho as riquezas do Evangelho

Eis porque nossa vida religiosa me parece cheia de sentido e significação ainda hoje e estou convencido que outros irmãos serão chamados para ela por Deus. Estamos conscientes de que não somos monjes e é verdade. Mas isso não muda em nada a profundidade e a qualidade de nossa vida. É verdade que o nosso contexto de vida não tem nada de monástico mas nem por isso ele será menos favorável à uma verdadeira vida religiosa, se tivermos fé. Não estou dizendo muita novidade. Quando o Pai escreveu: "A oração dos pobres", ele sabia de antemão que nossos caminhos na oração seguiriam traçados que não seriam apenas os do silêncio e da solidão. O mesmo se diga quanto ao desenvolvimento em nós da esperança e da caridade. Tudo isto é da mais alta importância.

Não somos apenas nós que estamos em causa. Deus nos chamou à uma vida que ultrapassa em muito as nossas pessoas. É preciso respeitá-la e sentirmo-nos responsáveis por ela diante de Deus e dos homens. Pouco importa que sejamos operários, camponeses, empregados ou assalariados uns dos outros; o que conta é a realidade e o vigor da vida religiosa à qual Deus nos chama neste contexto ordinário da vida de hoje. Isto não pode ser medíocre nem considerado de pouco valor.

Por outro lado, aos olhos da Igreja e do Evangelho, nenhuma pessoa, nenhum grupo pode bastar-se a si mesmo e assumir sozinho todas as possibilidades e riquezas do Evangelho. Cabe à Igreja no seu conjunto esse papel e ela mesma não acabará nunca de se renovar até o fim dos tempos. Desse ponto de vista, toda comunidade é então particular e particularizada por um chamado do Espírito Santo. Não são diferenciadas nem pela "perfeição" nem pela "caridade, pois todas são chamados à uma como à outra, mas as diferencia uma tônica, um aspecto da caridade que polarizará a vida neste ou naquele sentido e elevará ao seu pleno valor alguma particularidade do Evangelho a qual, caso contrário, permaneceria escondida por não ser vivida nela mesma. Aí está a corrente de força que orientará e unificará cada comunidade. Todo o homem é absolutamente livre para aí encontrar ou não o caminho do maior dom de si mesmo. Mas é precisamente uma questão de lealdade para uma comunidade saber expressar do modo mais simples possível a sua vida, o seu fim para que cada um possa conhecer o que deverá também querer e procurar ao se integrar nela.

Ir ao encontro dos homens de outro modo

Se vivemos juntos é, portando, livremente e pelo mesmo chamado de Deus. Aí está uma coisa excelente, pois de uma parte um engajamento comunitário, coletivo, tem uma força e um valor que não tem o engajamento individual; d'outra parte, é igualmente um bem para nós pois são pouquíssimos que poderiam responder plenamente e sobretudo até o fim ao chamado de Deus, sem a ajuda e assistência dos irmãos. Mais ainda, e aqui está o mais importante, nosso agrupamento é desejado não só para nosso bem, o é também para nos associar a um trabalho, a uma obra precisa que o Espírito Santo se propõe, para agir no mundo pelo bem da Igreja e de todos os homens. Nós não formamos uma coleção de indivíduos, cada um seguindo seu caminho, mas uma comunidade reunida e guiada pelo Espírito Santo a fim de realizar um bem no mundo. Cada um é livre e responsável pela maneira de doar sua vida, mas o verdadeiro dom de si leva-nos sempre a entrar numa obra mais alta e transcendente porque vem de Deus.

Quanto às nossas duas Fraternidades: Irmãozinhos do Evangelho e Irmãozinhos de Jesus, o motivo de sua distinção parece-me suficientemente

simples para não as confundirmos. Não foi uma ninharia que deu origem aos **Irmãozinhos do Evangelho** mas uma razão muito séria: a necessidade de empenhar-se numa evangelização em favor dos meios pobres, evangelização que suscitou um apelo especial entre aqueles e aquelas que, aliás, já se sentiam atraídos pelo espírito do Irmão Carlos. Era bem sabido, com efeito, que os **Irmãozinhos de Jesus** não se propunham anunciar o Evangelho pela palavra, mas pela vida e que eles não eram chamados nem à pregação, nem ao ministério, nem às atividades em geral. Tudo isso era bem claro e, parece-me, nunca fizemos disso um mistério cada vez que se tratava de abrir uma fraternidade em qualquer parte.

Por outro lado, isto não nos impediu de deparar em alguns meios, de modo preciso, a expectativa e, às vezes, a urgência da evangelização a ser realizada como uma obra pela qual somos responsáveis diante de Deus na Igreja. Não poderíamos desconhecer esta necessidade, nem subestimar a importância desse trabalho de Igreja. Mas é um fato que não pensávamos que isso poderia ser um trabalho nosso, nossa função, não apenas porque pudéssemos nos sentir pouco aptos ou preparados para tanto, mas porque subsistia em nós a necessidade de ir de encontro aos homens de um outro modo. Eis em resumo o que aconteceu conosco e de modo idêntico com as **Irmãzinhas de Jesus**. A partir daí, não cabe a mim evidentemente, mas aos Irmãozinhos do Evangelho, dizer como eles vêm sua vida e seu trabalho. Eu só posso falar do ponto de partida.

Toda vocação cria deveres novos

Pensa-se facilmente que nossa abstenção às tarefas comuns de evangelização venha a escandalizar face às necessidades e à urgência dela no mundo atual. Pode ser chocante, com efeito, recusarmos dar o catecismo quando tantas mães de família o dão, como também pode parecer chocante ver irmãos-padres rezar a missa na Fraternidade em lugar de rezá-la em tantas paróquias sem padre. Aludo superficialmente a coisas porque são elas que constituem problemas e não o fato de uma vez ou outra um irmão-padre ir prestar serviço aqui ou ali. Do mesmo modo, o fato de explicitarmos nossa fé e nossa vida religiosa, ou de colocarmos simplesmente em partilha nosso amor a Jesus e ao Evangelho cada vez que pudermos, não poderia ser comparado com a importância e a diversidade dos trabalhos que a Igreja deve assumir no conjunto de sua missão pastoral.

Nossa atitude não deve pois ser interpretada como uma dúvida sobre o valor e a necessidade das iniciativas que hoje como sempre são requeridas para o anúncio da Palavra de Deus. De nossa parte, se acreditamos ter outros deveres é porque o Irmão Carlos despertou-nos para outras carências, outras necessidades do Evangelho não contraditórias mas complementares, que não deveriam ser vistas sobretudo como antagônicas.

O Irmão Carlos terá sempre algo desorientador e não devemos eliminar apressadamente esse aspecto de sua vida se quisermos conservar o pleno vigor de seu testemunho. Não preciso repetir aqui qual foi sua paixão por Aquele que ele chamava "seu caro Irmão e Senhor Jesus". Prefiro falar do comportamento que esta paixão despertou nele. Foi um comportamento bastante incomum a ponto de, às vezes, desconcertar mesmo os que melhor conheciam o Irmão Carlos, inclusive o seu diretor espiritual.

Não querendo afastar-se um só passo de Jesus, sobretudo nas dores e sofrimentos de sua missão de Salvador, ele procura as situações extremas sem calcular minimamente o possível e o impossível. É assim que resolutamente procura, cheio de confiança, não a homens que o esperavam ou desejavam a sua vinda, mas os que poderiam ter razões para desconfiarem dele e não recebê-lo tão facilmente. Age sem se preocupar com o resultado, com a única certeza do seu dever de amor para com todos e apesar de tudo. Tudo o mais está nas mãos de Deus: "Jesus é o mestre do impossível". "É algo que devemos absolutamente a Deus: o jamais ter medo de nada".

Não se trata de monopolizarmos a vida do Irmão Carlos, mas podemos dizer que somos sensibilizados pela Fraternidade a ir até o fim, ao extremo, diríamos até por amor mas como não somos melhores que os outros, digamos antes por confiança, pela fé total em Deus, fé em seu amor e em seu mandamento de amor. De modo que há em nós, pela graça de Deus, a necessidade de dar tudo, necessidade imperiosa, dizia o Irmão Carlos. Quer dizer: dar tudo primeiramente a Deus, não só nossos pertences mas também as nossas pessoas, corpos, coração, liberdade e espírito, sem objeção ou reserva. E isto evidentemente não por imposição ou obsessão de perfeição mas por amor e confiança; depois, partir com Jesus, seguindo-o, escolhendo ir para junto dos homens pobres entre os pobres, não só para junto dos pobres mas, a exemplo do Irmão Carlos, ao encontro mesmo daqueles de quem fala Jesus no Sermão da Montanha a propósito justamente da caridade:

"Vocês ouviram o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Pois bem! eu vos digo: Amai vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem, desse modo sereis filhos de vosso Pai que está nos céus... Pois, se amais os que vos amam que recompensa tereis? Os próprios publicanos não fazem o mesmo? E se reservais vossa saudação só a vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Os próprios pagãos não o fazem também? Portanto, sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,43-48).

Tal é o convite que nos é feito para caminharmos voluntariamente, não tanto ao encontro dos que nos amam, mas, como o Irmão Carlos, ao encontro daqueles que podem ter motivos para não nos amar em razão das diferenças de mentalidade, cultura, de fé também; e não preferir ir

de encontro dos que já acolhem o Evangelho mas sim daqueles que lhe são indiferentes, ou podem ser-lhe contrários ou hostis por razões as mais diversas. Por que? Porque Jesus morreu por eles uma vez que morreu exatamente por aqueles que o condenaram. Porque, mesmo nesses casos em que o Evangelho parece impossível, sempre temos como cristãos um dever para com esses homens: o de amá-los e isto na realidade não se faria se não fôssemos até eles ficando em nossas casas ou capelas.

A eles devemos isso, a eles e a Deus, pois que, amando-os do jeito que são e como a irmãos, é que devolvemos a Deus à nossa maneira humana, um pouco do amor com que Ele nos amou, Ele que não impôs condições nem ao seu amor, nem à vinda de seu Filho. E vós sabeis que esses homens são numerosos no mundo, que as fronteiras da cristandade são limitadas em relação àquelas da humanidade e que mesmo nos assim chamados países cristãos, há homens que não esperam mais nada nem da Igreja nem do Evangelho! De outro lado, não estamos quites com eles e mesmo que o Evangelho possa parecer-lhes sem esperança, estamos convencidos de que a última palavra não foi dita e em relação a eles resta-nos o dever de amar. De algum modo é uma loucura pois é preciso ultrapassar a todo o custo qualquer projeto pastoral e qualquer empenho normal de eficácia, mas foi assim que Deus nos amou.

Igualmente, queríamos testemunhar-vos, a nosso modo, que na Igreja é o mesmo. Ela não é uma sociedade preocupada sobretudo em estender sua influência ou manifestar seu poder, mas a sua lei fundamental é aquela da caridade, isto é, o amor de Deus oferecido a todos, sem exclusão ou reserva, seja qual for a resposta de cada um às amabilidades divinas. Esse testemunho seja dado que, se os discípulos de Cristo estão prontos para ir a qualquer parte do mundo, não é apenas para, simplesmente, anunciar o Evangelho e ainda menos sob o pretexto de converter ao Evangelho. É porque a caridade é sua lei fundamental e em nome de Deus ela é devida a todo o homem, em todo o tempo e em qualquer hipótese.

Esta é a nossa perspectiva como Irmãozinhos de Jesus, perspectiva que tem forçosamente conseqüências sobre nosso comportamento e nossa ação no mundo. É um dos aspectos de nossa vida que se enraiza naquilo que já dissemos sobre nossa vida contemplativa. Toda vocação cria deveres novos e um tipo particular de atenção aos outros que não são pedidos necessariamente a todo o mundo. Tais deveres devem ser considerados em si mesmo e, da mesma forma, essa atenção aos outros para ser forte e durável, precisa ser despertada e reforçada. É assim que, respondendo plenamente uns e outros aos diferentes apelos do Espírito Santo, podemos melhor servir a Igreja partilhando uma mesma fé e um mesmo amor.

Irmão René

LIVROS NOVOS

A IGREJA DOS PRIMÓRDIOS, Pe. Frederico Dattler, SVD. Esdeva Empresa Gráfica, S/A. Juiz de Fora, MG. Ano 1975. Páginas 148.

Subtítulo do livro: "Comentários dos Atos dos Apóstolos". Em todas as suas páginas, o Novo Testamento reproduz a meditação e o querigma da **Igreja dos Primórdios**, mas os trechos dos Atos dos Apóstolos comentados nesta obra constituem a sua documentação por excelência e imediata.

O comentário parte do texto original grego tal como nos foi transmitido na sua forma final; não um texto tosquiado e dilacerado por toda a sorte de considerações críticas e especulativas que atualmente costumam sobrecarregar os comentários bíblicos. Somente em alguns poucos casos o Autor recorreu ao gênero literário ou à crítica textual. Os Atos são compostos de vários documentos escritos ou oralmente fixados, de procedências diferentes e gêneros literários variados. O Autor os compilou segundo critérios ora cronológicos, ora formais. Estes documentos vão sendo introduzidos por locuções tais como:

naqueles dias, naquele tempo, etc. Para interligá-los o Autor redigiu pequenos sumários da vida da Igreja que são salientados no comentário.

Alguns termos gregos que atualmente tendem a tornar-se patrimônio comum dos movimentos de renovação cristã foram conservados. Por exemplo: presbítero, epíscopo, **Kyrios**, pneuma no lugar de espírito. A palavra **espírito** em português já não conota a idéia de sopro, impulso, dinâmica, contida do termo grego. Em português o conceito **espírito** tornou-se estático e abstrato, contrário à matéria. Na Escritura Sagrada pneuma é contrário à imobilidade. O leitor se habituará logo com a novidade. Basta observar a quantidade de palavras inglesas empregadas normalmente.



CONCILIUM/106 — Anos 1975/76. Número X: **Os jovens e o Futuro da Igreja**. Editora Vozes. Páginas 136.

Aborda-se aqui um tema que tem preocupado sobremaneira os homens da Igreja: Crise da juventude ou crise

da Igreja. Antes de tudo sua leitura vai colocar-nos diante do profundo mal-estar dos jovens, no mundo inteiro, frente à Igreja. Por outro lado, a não integração desses jovens coloca problemas terríveis que é preciso enfrentar. Assistimos a um desencantamento e a um grande distanciamento dos jovens em relação à Igreja como instituição e ao mesmo tempo somos testemunhas do real poder de sedução que Jesus e o Evangelho têm tido sobre eles. A tentação é de aceitar que os jovens de hoje aumentam cada vez mais as fileiras dos chamados "cristãos sem Igreja". Problema gravíssimo quando sabemos que os jovens são cada vez mais numerosos, no mundo inteiro, constituindo-se uma força vital e revolucionária capaz de provocar mudanças radicais na sociedade futura.

O que pensar e o que fazer diante disso? Qual o testemunho dos próprios jovens? Que lições tirar? **CONCILIUM/106**, o volume que não pode faltar na estante dos que se preocupam com problemas de juventude e com a posição da Igreja e do Cristianismo diante do impasse.

●

O HOJE NA RUA DO POVO, A. Marcos Noronha. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 112.

Marcos Noronha, mineiro de Areado, quase diria Guaxupé, autor de *A IGREJA QUE NASCE HOJE; NINGUÉM JOÃO; CONSCIÊNCIA: SEMENTE; OUTONO EM VERTICAL*, todos da Editora Vozes, lança agora **O Hoje na Rua do Povo** que é um encontro de muitas procuras (... Saí procurando e encontrei...) e a angústia da procura sem encontros:

"No meio da rua / olhos vendados / mãos tateando no sol / sem encontrar..."

Retrato de um homem? Ou retrato do homem? De qualquer maneira, é um grito profético contra as coisas pré-feitas, as manadas autômatas, o jogo da vida com tudo marcado, o andar infalível como se existisse um caminho só. E contra as cascas. Porque tem sujeito que é só casca. E tem gente que passa a vida encascando os outros.

O **HOJE NA RUA DO POVO** é um livro com gosto amargo. Amargura da dor de coisas que se espedaçam para gerar. Amargura da decepção de ver que o mundo sonhado é todo outro quando diante dos olhos, e medonho. "Eu não queria viver encarnando tristezas. Mas eu venho de lá". Um livro feito do preto da noite e do claro do dia, dia fruto da noite sofrida, noite germe-esperança do dia (Clarêncio Neotti).

●

ORIENTAÇÃO NÃO DIRETIVA, NA EDUCAÇÃO, NO ACONSELHAMENTO E NA PSICOTERAPIA, Franz Victor Rudío. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 112.

Fruto de pesquisas clínicas e de grande experiência no magistério, este livro quer ser, antes de tudo, um roteiro para as disciplinas **Técnicas Psicoterápicas e Aconselhamento Psicopedagógico**. O próprio autor lhe dá uma finalidade didática. A obra contém os conceitos e os princípios básicos da orientação não-diretiva, necessários a quem deseja uma introdução simples para o exercício da ajuda psicológica, nas formas de aconselhamento ou de psicoterapia centrada no cliente.

"O quadro referencial básico deste nosso trabalho é o pensamento de Rogers. Entretanto, inspirados no exemplo de Pagès, tentamos indagar também o que a nossa reflexão e a nossa experiência prática podiam oferecer".

Um livro que certamente será de máxima utilidade aos estudantes e mestres e que será de grande ajuda para os profissionais da área.

●

O ENIGMA DA RELIGIÃO, Rubem Alves. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 172.

Marx via na religião uma ilusão produzida por uma Sociedade injusta. Abolidas as condições de injustiça, a religião teria de desaparecer. Freud achava que a contradição da existência se instaura no próprio ser do homem: problema sem solução. A terapia poderia ajudá-lo a compreender a sua miséria e a aceitá-la de forma estóica. Cura é impossível. Augusto Comte falava da religião como a mais primitiva das fases do desenvolvimento humano. Outras explicações e tantas outras profecias apareceram. A ciência criou um problema habitacional para Deus. E quando tudo parecia anunciar os funerais desse Deus que enfim ia desaparecer, o mundo moderno se viu invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios e um novo fervor religioso, que totalmente desconhecíamos, tanto pela sua intensidade quanto pela variedade de suas formas, encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado.

"A chuva dos deuses cai do céu sobre o túmulo do Deus que sobrevive à sua própria morte. Ateus têm seus san-

tos e blasfemos constroem templos". Mais do que nunca volta com força total o problema de Deus e da religião. Parece que enquanto o homem existir a religião continuará com ele, como expressão de amor e como expressão de medo. O homem viverá para sempre entre deuses e demônios, símbolos de suas aspirações e temores — ainda que estes mesmos símbolos se envergonhem de suas próprias origens e, como travestis, se vistam com roupas seculares. Que enigma é este da religião?

●

A ANÁLISE INSTITUCIONAL, René Lourau. Tradução do original francês *L'Analyse Institutionnelle* de Mariano Ferreira. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 296.

A relação analista/paciente não se passa apenas no nível individual. Tanto um como outro estão inseridos nas mesmas coletividades, grupos, organizações, instituições, cujas leis e mecanismos afetam a interação de ambos. Tornar esta ação consciente tanto aos analistas como aos analisados é condição essencial para ser a análise levada a bom termo. Este livro faz assim um estudo aprofundado das interações entre o sistema ou conjunto de sistemas abrangentes do analista e analisando, permitindo-lhes uma visão mais consciente da totalidade humana concreta e das estruturas do poder que envolvem também a ambos. Só assim será possível a autonomia para um e outro. Trata-se de um aspecto só percebido a partir do movimento da ANÁLISE INSTITUCIONAL, o que torna o presente livro uma obra básica e um

verdadeiro clássico. O autor propõe um original método de Intervenção por parte do analista, considerando-o ao mesmo tempo parte integrante da rede de instituições que o solicitam. Para chegar até aí, estuda as diversas teorias institucionais e aprofunda os principais tipos de intervenção institucional.

A ANÁLISE INSTITUCIONAL é o volume 12 da **Coleção Psicanálise** da Editora Vozes.

VOLANTE DE UMA VIDA, AMAR, Pe. Lourenço Roberge. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 208.

Subtítulo do livro: "Guia para a educação sexual e afetiva do jovem". Este livro é o segundo tomo do terceiro volume da coleção elaborada e dirigida pelo corpo docente do Colégio Santa Cruz, da cidade de São Paulo. Toda a coleção visa uma apresentação moderna e adequada da vida aos jovens dos grandes centros urbanos brasileiros. O tema central deste tomo é a educação sexual e afetiva do jovem: o amor, a amizade, o namoro.

"Estas páginas captam do homem o que ele tem de mais imediato: seu corpo, a fim de que o jovem se descubra de acordo com o que ele verdadeiramente é nesse plano. E nessa descoberta é feita a análise do que significa a **sexualidade humana** que, por sua essência, é totalmente diferente da sexualidade animal. Dentro desse fato, é necessário que o jovem descubra os caminhos da racionalidade sexual para que, na aurora da vida, não se extravie de tal forma que fique comprometido para o resto da existência. É o sentido

do estudo da **moral sexual**, que não deve ser considerado como censura mesquinha e angustiante, mas como promoção racional dentro do biológico do homem".

AS CULTURAS E O TEMPO, Estudos reunidos pela UNESCO, de vários autores. Tradução do original francês **Les Cultures et le Temps**, de Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. Coedição Vozes/Universidade de São Paulo. Ano 1975. Páginas 284.

O tempo é o conceito chave deste livro. Num século em que o tempo se vai enchendo de ações eficazes, em que o tempo vivido vai tomando cada vez mais um sentido cultural e em que a história se vai acelerando vertiginosamente, é mais do que oportuno, é mesmo essencial, tomar consciência dos ritmos de vida, do pensamento e da ação existente na diversidade cultural dos diferentes povos. Os ensaios reunidos neste volume são escritos por especialistas representativos das diversas culturas em foco e nos levam a uma abertura necessária, livrando-nos do círculo fechado do europeicentrismo ou mesmo do americanocentrismo a que fomos habituados.

Do tempo chinês ao tempo hindu, bantu, grego, judaico, cristão, islâmico e marxista, as enormes diferenças, se bem compreendidas, podem ser a ponte lançada como sementes de comunicação de um mundo mais unido na história e também na geografia. "A abertura para outras culturas hoje é a condição de nossa adesão a um centro de perspectiva: a tensão entre o próprio e o estranho faz parte da inter-

pretação pela qual tentamos aplicar-nos a nós mesmos o sentido singular de uma tradição determinada".

●

MARGINALIDADE SOCIAL E RELAÇÕES DE CLASSES EM SÃO PAULO,

Manuel T. Berlinck. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 156.

Amplio estudo sobre o problema da **Marginalidade Social**, sua conceituação crítica à luz de uma rigorosa análise e sistematização de dados antropológicos e sócio-econômicos, colhidos através de uma cuidadosa pesquisa de campo. O material demonstrativo levantado e analisado ambienta-se no município de São Paulo, escolhido como domínio empírico para o estudo do problema. Contrariando as afirmações divulgadas por sociólogos nacionais e estrangeiros, o autor pretende testar seu ponto de vista, apresentando uma **hipótese alternativa à marginalidade social, ou seja, que não existe marginalidade social na cidade e São Paulo, e, sim, que existe pobreza engendrada e mantida pelo desenvolvimento econômico...**

Após uma lógica e cerrada crítica às diversas noções de Marginalidade Social, que serve como introdução à obra, o autor passa a desenvolver o seu tema procurando estabelecer relações entre urbanismo e industrialização, tentando estabelecer ainda conexões entre o "processo de acumulação" tal como vem ocorrendo no Brasil e a forma de expansão de uma classe trabalhadora na cidade de São Paulo. Demonstra que existem mecanismos institucionais de marginalização que estabelecem relações estruturais

entre o chamado setor marginal e o setor moderno da sociedade paulistana. Finalmente procura identificar algumas organizações sociais concretas que permitam a sobrevivência e a adaptação do setor marginal da cidade demonstrando ao mesmo tempo que tais organizações não são qualitativamente diferentes das existentes no setor integrado da sociedade paulista.

●

CURA DO PSIQUISMO, Pe. Edvino Augusto Friederichs, SJ. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 104.

Autor de várias obras, o Pe. Edvino Augusto Friederichs, SJ, explana neste livro os cinco conselhos seguintes que garantem, com saúde e harmonia psíquica, uma existência feliz:

- Dieta bem orientada.
- Respiração profunda.
- Ginástica perseverante.
- Cultivo de pensamentos positivos.
- Paz com Deus e com a própria consciência.

O bom-senso, a experiência própria e alheia, uma formação ampla e integral, o próprio equilíbrio de pensamento do autor é o que garante o grande valor prático dessa obra. O autor não promete milagre. Não fornece tampouco um catálogo de receitas. De acordo com o lema: prevenir é melhor do que remediar, o que realmente nos apresenta é um caminho, provado pela experiência como bom, talvez o único, para conseguir uma mente sã num corpo sã.

**E N T E N D E R... MORAL, PECA-
DO, CONFISSÃO**, Prof.^a Eliane Pimenta,
Prof.^a Ellane Moreira, Frei Cláudio Van
Balen, OC. Editora Vozes. Ano 1975.
Páginas 100.

Cada um de nós conhece bem algumas pessoas. E quanto melhor vamos conhecendo e respeitando as suas preferências, tanto mais fácil fica relacionarmos-nos com elas. E quando fazemos tudo conforme seus desejos, elas deixam de ter motivo de reclamar de nós. É o que pensamos. Mas o mistério do outro não cabe nas idéias de nossa cabeça. Não raro a realidade nos coloca diante de surpresas. Não é preciso lembrar que também Deus não cabe nas nossas idéias. São João observa em uma de suas cartas que Deus é sempre maior do que o nosso coração. Podemos ter a pretensão de conhecer plenamente a Sua vontade e os Seus desejos a nosso respeito, porém basta Ele se aproximar e dar-se a conhecer um pouco mais para que desmorone o que a respeito d'Ele pensávamos.

Isto acontece no relacionamento comum entre os homens, todos os dias. Acontece também em nosso relacionamento com Deus. Talvez não todos os dias, mas em algumas fases de nossa vida ou certos períodos críticos da história da Igreja. Quando Deus decide aproximar-se um pouco mais dos homens, estes entram em crise e começa a estremecer todo um esquema que tinham montado para poder levar uma vida de agrado a esse Deus que não se deixa "enquadrar". Algo de semelhante ocorreu no tempo do profeta Isaías. O povo terminou pensando que a moral e o comportamento da fé se reduzissem ao culto

bem executado. Pela palavra do profeta Deus fez saber:

— Já estou farto de holocaustos de cordeiros. Eu não quero sangue de bezerras e de bodes. De nada serve trazer oferendas. Quando estendeis as vossas mãos, Eu desvio de vós os Meus olhos. Quando multiplicais vossas preces, Eu não as ouço, **Isaias 1, 11.13.15.**

E a seguir o profeta oferece um esquema novo de comportamento moral, mais de acordo com a nova face redescoberta de Deus. Conversões penosas, essas que Deus exige de nós cada vez que nos instalamos comodamente, achando que Deus não tem mais nada a reclamar de nós. Hoje estamos numa fase semelhante de crise de comportamento, de noção de pecado e de sentido da confissão e da conversão. Uma insegurança se apodera de muitos. Sobretudo de pais de família que já não sabem o que transmitir para os seus filhos. Então é bom a gente encontrar uma palavra de estímulo e orientação que ajude a dirigir os passos na semi-escureidão, própria a tal época.

**E N T E N D E R... MORAL, PECA-
DO, CONFISSÃO** pretende transformar-se neste gesto de ajuda, estímulo e orientação, como um elemento de ligação entre jovens e adultos. "Esgotou-se o prazo. O Reino de Deus está aí. Mudem de vida e comecem a acreditar nesta boa nova". A boa-nova é a maneira de se perceber a presença de Deus na vida de hoje.

TEORIA DA RETENÇÃO PARA PROFESSORES, Madeline Hunter. Tradução do original norte-americano **Retention** de Cecília Lopes da Rocha Bastos. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 60.

CONVERGÊNCIA publicou na revista de dezembro de 1975, n.º 88, página 638, a recensão dos três primeiros volumes de TEORIA EM PRÁTICA. Aqui apresentamos o quarto volume. A série **Teoria em Prática** é dedicada aos nossos professores que, na luta diária em suas classes não encontram mais tempo ou disposição para o manuseio de tratados especializados de psicologia da aprendizagem. Os livros desta série têm por finalidade traduzir e adaptar todo o essencial do conhecimento científico sobre a matéria, de maneira prática, clara e programada.

Um dos maiores problemas que surgem nas classes e que ao mesmo tempo, mais contribuem para a autofrustração dos professores se resume em três palavrinhas, constantemente repetidas e que são como que o marco comemorativo do fracasso dos esforços despendidos no processo de ensino-aprendizagem: "Não me lembro". Este livro programado sobre a teoria da retenção, foi planejado para colocar o professor em contato com alguns fatores que poderá manipular na sala de aula, imediatamente, a fim de tornar a retenção mais provável e menos frequente a repetição das três palavrinhas fatídicas.

O livro pretende apresentar algumas informações sobre fatores que promovem a retenção, dar exemplos que ajudem a ver o seu funcionamento; fazer ao professor uma pergunta que exigirá

aplicação de seus conhecimentos a uma situação do ensino; dizer se a resposta está correta.

APRESENTAÇÕES LIGEIRAS

1

NOSSA SENHORA DE TODOS OS DIAS, Frei Hugo D. Baggio, OFM. Editora Vozes. Ano 1975. Página 56. Um livrinho que recorda o valor das pequenas coisas da vida. A graça exímia que fez de Maria a Mãe de Deus pode talvez nos levar a esquecer que ela foi uma mulher semelhante às demais, que devia se esforçar para dar sentido à repetição das mil coisas que u'a mãe, uma esposa, uma dona-de-casa precisa fazer todos os dias. E ela nos pode ajudar como pessoa que viveu o nosso cotidiano.

2

O AMOR DE SUELY, JUVENTUDE E AFETO, Pe. Tiaguinho, SDB. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 60. Padre Tiago de Almeida, SDB, é o fundador e diretor espiritual do movimento de jovens intitulado CONSTRUINDO que, atualmente, reúne cerca de dez mil rapazes e moças. O autor possui traquejo e trato suficientes para escrever diretamente para estes mesmos jovens, falando sua linguagem, tocando certo nos seus problemas essenciais. "A finalidade do opúsculo é procurar dar uma solução para muitos jovens que não têm possibilidade de conversar sobre seus problemas porque, no corre-corre de hoje, eles não encontram quem os ouça".

3

A PRESENÇA UNIVERSAL DE CRISTO, José Cegalla. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 40. Em muitas situações, a linguagem poética é mais apta a expressar particulares momentos do espírito diante da realidade, tão linda e variada, tão profunda e, às vezes, enigmática nas experiências vivenciais. O autor tenta descobrir à nossa contemplação o que talvez ainda não conseguimos perceber na face das coisas ao nosso redor: a presença universal de Deus. São meditações em forma de pequenos poemas, visão de fé para uma ação de graças. Leitura agradável para todos.

4

O OFÍCIO DE PAI, José Paulo Antônio Lemos. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 32. Os fragmentos que compõem este volume tentam manter um diálogo com quem os lê, um diálogo sobre a figura do pai. Não querem formar qualquer pequeno tratado, nem manual de comportamento. São aproximações, em timbre de vida, rumo a um tema inesgotável. Fragmentos: um arquipélago de frases no mar do silêncio, um convite à navegação, o enunciado de algumas metas.

5

AMÉM, ALELUIA, Marta Luz Benevides. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 80. Este não é um livro de se ler. É um livro de se rezar. Antes de ter sido escrito, ele foi rezado. Quem não reza o Pai Nosso do Irmão Universal, dificilmente o comungará. Mas quem não reza o Pai Nosso, talvez

depois de "lê-lo" passará a rezar esta oração de Amém-Aleluia. Aleluia, Senhor, por todas as pessoas que, sendo tua presença, nos conduzem à experiência da paz e do amor. Por conhecer e viver em ti a liberdade que é quebrar correntes escravizadoras dos anseios mais altos.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS EDIÇÕES PAULINAS ANO 1975

CAMINHOS DE CADA DIA, Pe. Roque Schneider. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 128. **A ARTE DE SER GENTE**, Pe. Roque Schneider. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 144. **ALEGRIAS QUE O AMOR ENSINA**, Pe. Carlos Afonso Schmitt. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 72. **O PARADOXO DA SOLIDÃO**, Henry J. M. Mouwen. Tradução do original inglês *Out of Solitude* de Pe. Lacerda, SJ. Edições Paulinas. Ano 1975, Páginas 56. São sermões feitos em Battell, a Igreja Unida de Cristo, na Universidade de Yale, Estados Unidos. **MENSAGENS DE ESPERANÇA**, Arnaldo Álvaro Padovani. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 96. **VINTE PALAVRAS DE CRISTO**, Alfred Lapple. Tradução do original alemão *Die Kernwahrheiten des Glaubens* de Clement Raphael Mahl. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 88. **HIGIENE MENTAL EM CONTATO COM A NATUREZA**, Pe. Edvino Friedrichs, SJ. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 220. A tranqüila observação e concentração, uma atenção sorridente dos fenômenos da natureza é o fundamento deste método de higiene

mental. Ele é profilático e terapêutico, diz o autor. **A VIRGINDADE NA BÍBLIA**, Lucien Legrand, MEP. Tradução do original francês **La Virginité dans la Bible** de Abadia de Nossa Senhora das Graças. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 144.



EVANGELIZAÇÃO E LIBERTAÇÃO, Reflexões Aplicadas à Vida Religiosa, Pe. João Batista Libânio, S.J. Coedição Vozes/CRB. Coleção: Vida Religiosa/Temas Atuais. Volume n.º 3. Ano 1975. Páginas 228.

Estudo profundo e bem equilibrado, em termos de crítica expositiva, sobre um dos temas mais discutidos da Teologia Pastoral na atualidade. Os dois termos, em separado, podem ser compreendidos sem complicações e involuções de significados, pois ambos foram consagrados pela doutrina e praxe missionária e pastoral, por definições e aplicações na vida religiosa cristã com sentidos historicamente determinados. Correlacionados, porém, na interpretação orientativa e na casuística de uma teologia pastoral "ambientada", como é a de hoje, os dois termos geram perplexidade e impasses indefiníveis em suas aceitações.

"São dois caminhos paralelos? Ou inter cruzam-se? Ou mesmo fundem-se num só? Eis o problema, diz o Autor, que merece nossa reflexão. E a vida religiosa, como se situa face a essa problemática?"

A presente obra aborda esta temática, desenvolvendo com profundidade e clareza, em seis capítulos, a matéria em discussão, dando corpo a um

trabalho de reflexão realmente considerável, rico de conteúdo e denso de cultura teológica, bíblica, missionária e pastoral. Sua contribuição peculiar está na nova impostação visual dos problemas que envolvem a Evangelização e seus objetivos finalísticos no mundo atual, atingindo diretamente a razão e a ambientação da missão da Igreja, a vida e atividade dos cristãos engajados e, sobretudo, a concepção da vida religiosa institucionalizada.



HOMEM 70, Sérgio José Schirato. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 80.

É um livro cujo caráter básico é a reflexão sobre a vida do homem de hoje: suas angústias, esperanças... seu dia-a-dia. Procura atingir a todos. Sua filosofia não é de elite, de pouco entendimento e de muita verbalização. Ao contrário, numa linguagem simples, numa filosofia personalista em seu caráter essencial, **HOMEM 70** é uma tentativa de resposta ao problema do nosso homem: o caminho à personalização é um convite à verdadeira felicidade. A vocação do ser pessoa é uma realidade que precisa ser levada a sério e realizada o mais plenamente possível.

Sérgio José Schirato tem como objetivo o entendimento de sua obra numa perspectiva de seriedade e possibilidade de alguma coisa poder ser mudada numa linha de crescimento. Seu pensamento guiado por rigor filosófico, criou uma obra onde o tema abordado é o homem de nosso tempo. Obra crítico-reflexiva e, acima de tudo, baseada na experiência do autor, experiência de estar-no-mundo-com-os-outros.

É indispensável capacitar-se
em critérios e aptidões
para pesquisar, analisar,
planejar, organizar

e avaliar o teor e a qualidade
da Vida Religiosa
face aos desafios
da realidade hoje

PARA VOCÊ LER

1. DIANTE DE DEUS E PARA OS HOMENS

Vida Religiosa, um Projeto de Vida, J. M. R. Tillard, OP
Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 432.

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ,
Presidente Nacional da CRB,
apresentou este livro em CONVERGÊNCIA,
n.º 81, maio de 1975, páginas 250-251.

2. A MULHER NA IGREJA, PRESENÇA E AÇÃO HOJE

Quatro Trabalhos de Quatro Autores Diferentes
Coedição Vozes/CRB. Coleção: Vida Religiosa/Temas Atuais
Volume n.º 2. Ano 1975. Páginas 100.

3. RELIGIOSIDADE POPULAR:

Evangelização e Vida Religiosa, Pe. Edênio Valle, SVD
Coedição Vozes/CRB. Coleção: Vida Religiosa/Temas Atuais
Volume n.º 4. Ano 1975. Páginas 36.

ONDE COMPRAR

Adquira na sede de sua Regional ou diretamente nas lojas da Editora
Vozes: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília,
Recife